

ALAVOURA

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 1897

ANO LXXVII

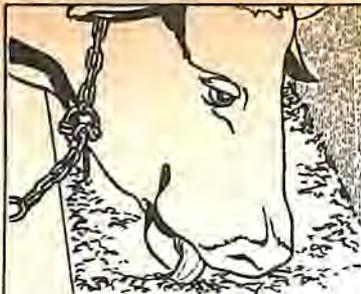
NOVEMBRO/DEZEMBRO, 74

Alimentação Mundial em debate

a participação do Brasil



ARRAÇOAMENTO ECONÔMICO



1) - Não basta dar de comer aos rebanhos. É preciso saber quais as rações de que o gado está realmente precisando. Os alimentos que compõem seu arraçamento estão divididos em dois grupos: o dos volumosos e suculentos, e o dos concentrados.



2) - O grupo dos volumosos é constituído por forragens como palha, pastos verdes e silagens. Os suculentos são constituídos por alimentos como a mandioca e a batata-doce.

ENERGÉTICOS

PROTÉICOS

MILHO RASPA DE MANDIOCA FARELO DE ALGODÃO FARELO DE MANDIOCA



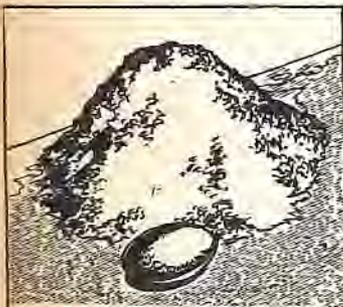
3) - Os alimentos do segundo grupo, concentrados, podem dar ao rebanho mais energia (milho e raspas de mandioca, além de outras), ou mais proteínas (farelos de algodão, de amendoim, etc...).



4) - Quando se fala em proteína está se falando em produção, crescimento ou ganho de peso. É o chamado elemento de formação, porque forma e mantém o organismo do animal.



5) - Para que um animal atinja o máximo de seu rendimento é preciso que esteja corretamente alimentado. Para isso, balanceamos suas rações.



6) - Balancear uma ração é determinar as quantidades e as proporções de alimentos (dos dois grupos) que devem ser dadas ao animal para cada 24 horas, sempre orientadas por normas e tabelas de alimentação.



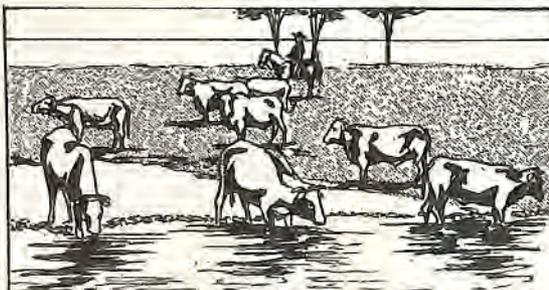
7) - No balanceamento de uma ração, além dos volumosos e suculentos, é muito importante que os concentrados que dela participem sejam corretamente dosados, tanto para o aspecto alimentar como para o econômico.



8) - Vou dar um exemplo, mas saiba antes que uma vaca de 450 quilos, produzindo 10 litros de leite por dia, com 4% de gordura, necessita diariamente 780 gramas de proteína digestível. Isso é, 780 gramas de proteína a ser aproveitada pelo organismo do animal.



9) - Suponhamos então que 100 quilos de farelo de amendoim custe para o criador Cr\$ 47,00 (quarenta e sete cruzeiros). Como esse concentrado contém 45% de proteína, o custo de 1 quilo de proteína sairá por Cr\$ 47,00 ÷ 45, que é igual a Cr\$ 1,05 (um cruzeiro e cinco centavos).



10) - Entenderam a conta? Um concentrado mais caro, dependendo de seu percentual de proteína, pode vir a ser o mais econômico. Conhecimentos como esse fazem parte da rotina do bom criador. Procure o técnico da sua região e peça maiores explicações. Afinal, seu rebanho é a sua fábrica e sua fazenda, a empresa que você administra.

UMA COLABORAÇÃO

NESTLÉ

SETOR AGROPECUÁRIO

Órgão oficial da Sociedade
Nacional de Agricultura

A mais antiga e moderna revista agrícola
do Brasil

Circula desde 1897

ANO LXXVII NOV.º/DEZ.º
N.º 6

"A LAVOURA" — Fonte de informações
da AGRIS — Sistema internacional de
informações para ciências agrícolas e
tecnologia (FAO-IICA-CIDIA).



DIRETOR
CARLOS ARTHUR REPSOLD

Redator-Responsável
RUFINO D'ALMEIDA GUERRA FILHO

Comissão Técnica
Luiz Guimarães Júnior
Charles F. Robbs
Jayme Lins de Almeida
Octavio Mello Alvarenga

Os artigos assinados são de inteira
responsabilidade de seus autores.

EXPEDIENTE

Redação e Administração:
AV. GENERAL JUSTO, 171 - 2.º andar
— ZC-39 — GB
CAIXA POSTAL: 1245 — RIO — GB
FONES: 242-2981 — 242-7950

REPRESENTANTES:

PORTUGAL: TROFA — João Correia;
SÃO PAULO: REVESPE (Rua Capitão Salomão,
40 — 1003 — SP.

COLABORADORES DA SNA

Geraldo de Oliveira Lira (Chefe da Secretaria);
Sylvia Maria da Franca (Bibliotecária-Chefe);
Carlos Alberto Soares (Publicidade); Jacira Ro-
cha de Araújo (Assistente de Secretaria); José
Marques Sarabanda (Correspondente); Martha
Nise R. de Brito (Protocolista-Arquivista); Nil-
mar Camargo Amaral (Datilógrafo)

Diagramação, composição, montagem e impres-
são a cargo de JET PRESS, uma divisão da
Editora Lidador Ltda. — R. Paulino Fernandes,
58 — Tels.: 266-7179 e 266-4105 — Rio — GB.



(Fundada em 16-1-1897)

Presidente: LUIZ SIMÕES LOPES

1.º Vice-Presidente: FLÁVIO DA COSTA BRITTO

2.º Secretário: OCTAVIO DE MELLO ALVARENGA

3.º Vice-Presidente: GILBERTO CONFORTO

4.º Vice-Presidente: JOÃO BAPTISTA LUZARDO

1.º Secretário: CARLOS INFANTE VIEIRA

2.º Secretário: OTÁVIO DE MELLO ALVARENGA

3.º Secretário: JOSÉ RESENDE PERES

1.º Tesoureiro: JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO

2.º Tesoureiro: OTTO FRENSEL

3.º Tesoureiro: JOÃO CARLOS FAVERET PORTO

DIRETORIA TÉCNICA:

- 1 — JALMIREZ GUIMARÃES GOMES
- 2 — ARY CARLOS XAVIER VELLOSO
- 3 — CARLOS ARTHUR REPSOLD
- 4 — FREDERICO MURTINHO BRAGA
- 5 — LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR
- 6 — ARMANDO DAVID FERREIRA LIMA
- 7 — CHARLES FREDERICK ROBBS

COMISSÃO FISCAL:

EFETIVOS:

- 1 — AMARO CAVALCANTI
- 2 — ARNALDO GOMES DE MELLO
LEITÃO
- 3 — JOSÉ CARLOS FERREIRA CAMPELO

- 8 — JOÃO DE SOUZA CARVALHO
- 9 — FLÁVIO AURÉLIO WANDECK
- 10 — RAFAEL LINO SOUTO MAIOR
- 11 — FAUSTO AITA GAI
- 12 — ROMULO CAVINA
- 13 — RUFINO D'ALMEIDA GUERRA
FILHO
- 14 — PAULO AUGUSTO PEREIRA DE
CARVALHO
- 15 — MURILO PESSOA

SUPLENTE:

- 1 — SYNDORO CARNEIRO DE SOUZA
- 2 — CELSO GALVÃO CALDAS
- 3 — JOÃO CARLOS DE PETRIBU
DE CARLI

SÓCIO REPRESENTANTE EM PORTUGAL:
Dr. Domingos Rosado Victória Pires

SÓCIO REPRESENTANTE NO CANADÁ:
Francisco Soto Ravisé.

NOSSA CAPA

Autoridades, políticos e técnicos estiveram presentes à Conferência Mundial de Alimentos, patrocinada em Roma pela ONU, no período de 5 a 16 de novembro. Coube ao Ministro Alysso Paulinelli, da Agricultura, chefiar a delegação do Brasil e, em nome do Governo brasileiro, pronunciar o discurso reproduzido na íntegra na pág. 5.

SUMÁRIO

Editorial	2
Destaque	3
Conferência Mundial sobre Alimentação	5
Convênio: SNA — Governo do Estado	10
Medalha "Victoria Pires"	12
Agricultura Capixaba	14
A Agropecuária Entre o Mercado Interno e o Mercado Externo	16
Cartas	18
ANCARPE Incrementa Produção de Melão	19
Influência do Espaçamento e Densidade de Plantio na Produtividade do Quiabeiro	20
SOS Natureza	21
Desenvolvimento da Maricultura na Guanabara	22
Citricultura na Região de Frutal	28
Livros e Publicações	33
Novas Chances para Controle de Doenças das Culturas Perenes Tropicais	34
Mosaico Cooperativista	37
Soja: Uma Solução para a Crise do Leite	38
Subsídios da SNA Encaminhados ao Presidente do STF	39
Notícias e Informações do Brasil	40
Notícias e Informações Internacionais	46

EDITORIAL

O nosso editorial do número de setembro-outubro últimos alertamos a atenção do grupo de técnicos que está assessorando na programação do futuro governo do Almirante Faria Lima, para um dos problemas mais importantes, referentes à produção agropecuária na região. Com a fusão dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro esse problema tornou-se mais viável e fácil, dependendo, tão só, de um planejamento que englobe todos os seus aspectos. Trata-se do disciplinamento, permanente e integral aproveitamento das bacias hidrográficas, principalmente d'aquelas cujos rios centrais nascem nos altiplanos e desaguam desde a região de Campos até as fronteiras com São Paulo. Sem a solução definitiva desse aspecto infra-estrutural, não há como obter nessa vasta e fértil região o avanço tecno-progressista no setor agropecuário, que dela se espera. De nada valerão medidas parciais, que são aleatórias e, certamente, em tempo imprevisível, resultarão em providências de emergência de elevado custo, como aconteceu em 1967.

Há que se fazer logo de início o levantamento aero-fotogramétrico dessas bacias, a fim de que possam ser indicadas as diretrizes a serem seguidas em cada uma delas para o completo planejamento das retificações necessárias e o inteiro aproveitamento das características que possuem, bem como, da zonas que abrangem. Os estudos para esse planejamento precisam ser minuciosos, atingindo desde os nascedouros do canal principal e de seus afluentes até a foz de cada qual, com a avaliação dos males que vêm causando e dos benefícios que poderão ensejar.

Eles, — os estudos — deverão abranger: as necessidades de reflorestamento; legislação adequada e proibitiva para a realização de culturas predadoras acima de determinadas cotas de altitudes; obrigatoriedade do emprego de métodos de defesa contra a erosão, com observância dos princípios pedológicos que permitam conservar ou mesmo recuperar a fertilidade dos solos; total aproveitamento do potencial energético com o disciplinamento do desaguamento e a retenção do líquido para seu aproveitamento e distribuição; obras de eletrificação rural e abastecimento dos centros populacionais; implantação de sistemas coletivos de irrigação. E, finalmente, uma vez completadas as disposições infra-estruturais preconizadas, por iniciativa e às expensas governamentais, implantar a melhor fórmula para a exploração, manutenção e custeio de todas as atividades da respectiva bacia hidrográfica, formula essa, que poderá ter caráter cooperativo ou empresarial-misto, cabando ao Governo, em qualquer dos casos, a fiscalização do estrito cumprimento do que for estatuído.

A exemplo do ano passado, quando o prêmio foi instituído, A LAVOURA escolheu as quinze personalidades e/ou instituições que, por sua atuação durante o corrente ano, contribuíram de forma destacada para o desenvolvimento e promoção de atividades ligadas ao setor agropecuário. A comissão, presidida pelo Dr. Rufino d'Almeida Guerra Filho, antigo diretor do Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura e redator-responsável de A LAVOURA, foi constituída pelo engenheiro-agrônomo Luiz Guimarães Junior, diretor-técnico da SNA e ex-Ministro da Agricultura; jornalista e radiologista Gastão Lamounier Junior, diretor-responsável de A.P. Lamounier Promoções; produtor rural João de Souza Carvalho e publicitário Carlos Alberto Pinto Soares, tendo como secretário o Sr. Geraldo de Oliveira Lira, chefe da secretaria da SNA.

Os Escolhidos

Após exame aprofundado sobre a atuação de cada um dos nomes lembrados à premiação, a comissão escolheu, por unanimidade, para receber o "destaque" de A LAVOURA — 1974 os seguintes profissionais, técnicos e entidades: 1. **Jornalista Adolpho Bloch** — Pelo lançamento da revista "Agricultura de Hoje", contribuindo para que a opinião pública brasileira fique mais bem informada sobre os problemas e realizações do setor agropecuário; 2. **Veterinário Altamir Gonçalves de Azevedo** — Pelos esforços desenvolvidos como Diretor Estadual do Ministério da Agricultura na Guanabara, com vistas à expansão da fronteira agrícola em decorrência da fusão com o Estado do Rio de Janeiro; 3. **Eng.º Agr.º Arthur Mendes de Castro Barbosa** — Pelos esforços desenvolvidos como Secretário Executivo do Comitê Nacional de Clubes 4S em favor da juventude rural brasileira; 4. **CCPL — Cooperativa Central dos Produtores de Leite** — Pelos esforços desenvolvidos em favor da melhoria do abastecimento de leite e produtos derivados às populações da Guanabara e estados vizinhos, comandando um dos maiores complexos industriais do país, com o apoio das 41 cooperativas regionais filiadas e dos 16 mil produtores associados, proporcionando mercado de trabalho a mais de 50 mil pessoas; 5. **Jornalista Claudio R.P. Fornari** — Pela colaboração inestimável prestada como Assessor Regional de Informação da FAO aos veículos de divulgação em geral, à "A Lavoura" em particular e às instituições científicas, educacionais e técnicas ligadas à Agricultura; 6. **Coopersucar — Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo** — Pelos esforços desenvolvidos com vistas à ampliação das exportações de açúcar de cana do Brasil e à conquista de novos mercados internacionais, carreando mais divisas para o país e projetando sua imagem de nação progressista no exterior; 7. **Correio Agro-Pecuário** — Pelo sentido pioneiro, inovador, dinâmico com que faz jornalismo agrícola, transformando-se num órgão opinativo, vigilante, de grande penetração

e justificado prestígio junto às lideranças rurais, aos técnicos e aos produtores em geral, sensibilizando igualmente as áreas do governo responsáveis pelo setor agropecuário para os problemas e reivindicações da classe agrícola, que veicula quinzenalmente em suas edições — cujas tiragens são as maiores registradas no país dentre todos os demais órgãos de divulgação especializados que circulam entre nós; 8. **Irmosal — Indústria de Ração e Moagem de Sal S/A.** — Pela contribuição setorial de suporte às atividades da produção animal, produzindo e fornecendo rações balanceadas para manutenção, crescimento e engorda de bovinos e suínos, participando, assim, diretamente, do desenvolvimento da pecuária brasileira; 9. **Eng.º Agr.º Gilberto Conforto** — Pelos esforços desenvolvidos como Chefe de Gabinete do Secretário de Abastecimento e Agricultura do Estado da Guanabara, para que eventos como o I Salão Nacional de Agropecuária e outros alcançassem grande repercussão, cumprindo integralmente as finalidades técnicas e/ou promocionais a que se destinaram; 10. **A Granja** — Pelos trinta anos dedicados à divulgação agrícola, prestando aos agropecuaristas do Rio Grande do Sul serviços de reconhecida utilidade, quer pela qualidade dos assuntos de natureza técnica que veicula em suas páginas; quer pela seriedade dos seus editoriais; quer pela objetividade das notícias e informações que transmite aos seus leitores; quer, finalmente, pela excelente apresentação gráfica das suas edições; 11. **Massey-Ferguson do Brasil S/A.** — Pela contribuição altamente significativa ao desenvolvimento da mecanização da agricultura brasileira, participando de forma efetiva do seu crescimento, a cujo serviço colocou este ano o 100.000.º — centésimo milésimo trator que produziu; 12. **Comunicador Rural Moacyr Pereira Lima** — Pelos esforços desenvolvidos como Coordenador de Informação da ABCAR, com vistas ao estabelecimento de uma estratégia de ação na área da Comunicação — através de metodologia de trabalho própria — uniforme para todo o Sistema Brasileiro de Extensão Rural, com reais benefícios para seus técnicos e usuários; 13. **Moinho Fluminense S/A.** — Pela contribuição efetiva ao desenvolvimento da triticultura nacional através de incentivos constantes à pesquisa científica e à divulgação dos seus resultados, bem como utilizando técnicas e processos de eficiência comprovada na industrialização do produto, com vistas ao seu melhor aproveitamento, quer na alimentação humana quer na produção de ração animal; 14. **Eng.º Agr.º Napoleão Fontenelle da Silveira** — Pelas significativas premiações recebidas durante o I Salão Nacional de Agropecuária, tornando-se o grande vencedor da II Expo-Guzerá com os excelentes animais que expôs, fruto dos longos anos dedicados à seleção e melhoramento da bovinocultura no Espírito Santo; 15. **Projeto Rondon** — Pela grandiosa e patriótica missão de integração nacional que vem realizando, assistindo as populações interioranas (especialmente) e possibilitando aos jovens universitários a oportunidade de se transformarem em cidadãos prestantes, úteis à Pátria e aos seus semelhantes.

DESTAQUE

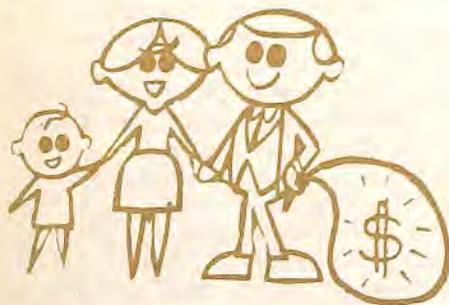
A LAVOURA

1974



tranquilidade para toda vida

(e até depois dela...)



MONTEPIO COOPERATIVISTA DO BRASIL

O MAIS COMPLETO PLANO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL DO BRASIL:

- PECÚLIO A PARTIR DO 6º MÊS
- PENSÃO MENSAL REAJUSTÁVEL
- APOSENTADORIA POR INVALIDEZ
- RENDA MENSAL OU FAMILIAR EM VIDA APÓS O 10º ANO

Beneficiários de acordo com o Código Civil ou de Livre Indicação

TABELA DEMONSTRATIVA DO -PLANO PREVICOOOPER-
(Elaborada com resultados Médios do Mercado de Capitais - Ano Base 1970)

FAIXA	MENSALIDADE	TAXA DE INSCRIÇÃO	BENEFÍCIOS	10 ANOS	11 ANOS	12 ANOS	13 ANOS	14 ANOS	15 ANOS	16 ANOS	17 ANOS	18 ANOS	19 ANOS	20 ANOS
10	10,00	20,00	R Mensal	82,09	113,02	153,67	208,28	281,54	379,60	511,40	687,87	924,41	1.241,60	1.666,53
			Resgate	4.594,13	6.281,72	8.537,08	11.571,40	15.641,38	21.089,28	28.410,93	38.214,85	51.355,84	68.977,67	92.585,38
20	20,00	40,00	R Mensal	185,38	226,04	307,34	416,58	563,08	759,20	1.022,80	1.375,74	1.848,82	2.483,20	3.333,06
			Resgate	9.188,26	12.523,44	17.074,12	23.142,80	31.282,72	42.178,58	56.821,86	76.429,70	102.711,28	137.955,34	185.170,76
50	50,00	100,00	R Mensal	413,45	565,10	768,35	1.041,40	1.407,70	1.898,00	2.557,00	3.439,00	4.622,05	6.208,00	8.332,65
			Resgate	22.970,65	31.308,60	42.685,30	57.857,00	78.208,80	105.446,40	142.054,05	191.074,25	256.778,20	344.888,35	462.926,90
100	100,00	200,00	R Mensal	826,90	1.130,20	1.536,70	2.082,80	2.815,40	3.790,00	5.114,00	6.878,70	9.244,10	12.416,00	16.625,30
			Resgate	45.241,30	62.617,20	85.370,60	115.714,00	156.413,60	210.892,80	284.109,30	382.148,50	513.556,40	689.776,70	925.053,80
200	200,00	400,00	R Mensal	1.653,80	2.260,40	3.073,40	4.165,60	5.630,80	7.592,00	10.228,00	13.757,40	18.488,20	24.832,00	33.330,60
			Resgate	91.882,60	125.234,40	170.741,20	231.428,00	312.827,20	421.785,60	568.218,60	764.297,00	1.027.112,80	1.379.553,40	1.851.707,60

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias - Até junho de 1972: 59 anos 364 dias - para pessoa designada: de 0 a 18 anos.

CARÊNCIA TOTAL: 12 meses.

De 12 a 36 meses (Devolução das mensalidades) - De 36 a 60 meses: (Pecúlio por morte no valor de 100 vezes a Mensalidade) - De 60 até o prazo de espera contratado (Pecúlio de resgate - em caso de Falecimento ou Desligamento).

RESGATE: Vencido o prazo de espera o associado ou beneficiário pode optar pela renda mensal ou pelo Resgate correspondente à faixa e prazo contratado.

PENSÃO / AP. INVALIDEZ

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	10,00	20,00	150,00
-A-	20,00	40,00	300,00
-B-	35,00	70,00	500,00
-C-	50,00	100,00	750,00
-D-	70,00	140,00	1.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias - Nas coletivas: 59 anos 364 dias - Idade média do grupo: 38 anos.

CARÊNCIA: Após 180 dias, 50% - Após 360 dias, 100%.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas, com carência de 30 dias.

ASSOCIAÇÃO PATROCINADORA:

PECÚLIO COOPERATIVO

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	2,00	4,00	2.000,00
Básico	10,00	20,00	10.000,00
Duplo	20,00	40,00	20.000,00
Tripla	30,00	60,00	30.000,00
Espec.	50,00	100,00	50.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias - Nas coletivas: 59 anos 364 dias - Idade média do grupo: 38 anos.

CARÊNCIA: 48 meses.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas.

OCB ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS

(Órgão Oficial de todo o cooperativismo brasileiro)

GUANABARA - Av. Pres. Franklin Roosevelt, 39 - salas 709-710 e 711 - Tel. 222-1639

VITÓRIA - Av. Jerônimo Monteiro, 126 - salas 904 e 905 - Tel. 34-591 - Vitória - ES

Conferência Mundial sobre Alimentação



Uma tomada de posição contra a iminência da escassez de alimentos e da fome no mundo — A participação brasileira na reunião da ONU em Roma.

NOS últimos dois anos, 100 mil pessoas morreram de fome no Norte da África; até o fim do ano outras 150 mil talvez tenham o mesmo destino em Bengala, segundo o jornal *The Sunday Times*. Mas esses — ressaltava o jornal — são apenas exemplos dramáticos, porque a subnutrição, persistente e aguda, é um modo de vida normal para mais de 400 milhões de pessoas — a metade crianças.

E o que é pior — prossegue o artigo — a produção total de alimentos mal acompanha o ritmo de crescimento da população. Em 1972, a produção *per capita* baixou; em 1973, retornou apenas ao nível de 1971, não mais do que 8% superior às cifras de 10 anos atrás. Este ano, as safras aumentaram em algumas áreas, baixaram em outras, mas no total foram desalentadoras. No entanto, a cada ano que passa, são mais 80 milhões de bocas famintas para alimentar.

Com base num cálculo simples da renda e população futuras, especialistas da ONU colocaram a demanda econômica de alimentos em 1895 em um nível que deixará 800 milhões de pessoas em 34 países com deficiência no atendimento de suas necessidades básicas de alimento.

Entretanto, até mesmo esse nível de demanda será superior à capacidade de produção dos países desenvolvidos, criando-se assim um *gap* anual de 76 milhões de toneladas de cereais. Se não conseguirmos eliminá-lo, proporcionando alimentos a 300 milhões de pessoas — é ainda o jornal quem comenta — assistiremos à inanição em massa numa escala jamais imaginada, mesmo nos piores momentos de guerra ou calamidades.

Não há a menor dúvida de que o mundo tem recursos físicos e técnicos para afastar o espectro da fome. Mas, tomarão os Governos as medidas necessárias não só para produzir essas toneladas extras, como para financiar a sua compra, armazená-las, transportá-las e distribuí-las, garantindo que o último grão chegue à boca da última criança faminta — em vez de serem desperdiçadas, perdidas ou vendidas a quem pagar mais antes de chegarem ao seu destino? Foi a essa questão que autoridades, políticos e técnicos procuraram responder durante a Conferência Mundial de Alimentos, patrocinada em Roma pela ONU, no período de 5 a 16 de novembro.

A participação do Brasil

Coube ao Ministro Alysso Paulinelli, da Agricultura, chefiar a delegação do Brasil à Conferência e, em nome do Governo brasileiro, pronunciar o discurso que a seguir publicamos na íntegra:

— “O Brasil vem participar desta Conferência Mundial de Alimentos imbuído de uma atitude otimista e construtiva, confiando na Humanidade e no seu futuro e encarando o Homem como o fulcro dos esforços econômicos de Produção. A posição do Brasil é uma posição de franco apoio aos objetivos gerais desta conferência e o nosso desejo é de que os trabalhos sejam marcados por uma atitude confiante e empreendedora, não obstante a seriedade e a persistência do problema da fome no mundo.

Esta atitude positiva que o Brasil assume diante do problema da alimentação é a mesma que tomamos, anteriormente, face a problemas do meio ambiente discutidos em Estocolmo e sobre a população debatidos em Bucarest.

A questão, diante desta Conferência — a escassez da produção de alimentos nos países em desenvolvimento — é fundamental ao progresso e ao bem-estar da Humanidade. Por isto assumimos esta posição positiva.

De uma forma geral, o aumento da oferta global de alimentos nos últimos quarenta anos tem sido suficiente para fazer frente ao aumento da demanda dos países em desenvolvimento tomados com um todo. Isto, no entanto, tem sido conseguido através de uma significativa inversão nos fluxos de comércio: antes da 2.^a Guerra Mundial os países em desenvolvimento exportaram 12 milhões de toneladas de grãos para os países industrializados; em 1972 os países em desenvolvimento importaram 44 milhões de toneladas de grãos, principalmente da América do Norte. No mesmo período, a maior parte dos aumentos de produção de grãos nos países em desenvolvimento tem sido conseguida pelo aumento de área cultivada, com uma consequente estagnação nos níveis de renda “*per capita*” na agricultura.

Mas, se na média, a oferta de alimentos tem aumentado de forma a atender o crescimento da demanda, muitas têm sido as dificuldades regionais em épocas de más colheitas. Até recentemente estas necessidades ocasionais vinham sendo atendidas por estoques mantidos nos países

industrializados. Mudanças súbitas na política econômica de alguns países-chave, porém, deixaram a coletividade mundial a descoberto para a eventualidade de safras frustradas no meio da década dos setenta. A este quadro soma-se a atual crise econômica internacional, elevando o preço dos insumos agrícolas modernos e reduzindo o volume internacional de comércio de produtos agrícolas.

Permita-me afirmar, porém, Senhor Presidente, que o Brasil acredita que os horizontes sombrios podem ser vencidos, bastando apenas que a comunidade internacional some seus esforços e recursos, — humanos e materiais, — e se proponha, objetivamente, a resolver o problema da fome e da subnutrição no mundo; concentre ações para que esta Conferência marque o início do ataque inclemente à fome e à má nutrição.

Alimentação é a mais premente das necessidades humanas. Os indivíduos podem postergar ou abdicar de outros desejos, mas não podem adiar as necessidades de alimentação diária. São amplamente conhecidas as consequências temporárias e permanentes decorrentes de deficits alimentares, das quais os distúrbios no desenvolvimento cerebral são apenas uma das mais revoltantes. É, acima de tudo, um imperativo de ordem moral garantir o acesso de toda a humanidade ao alimento adequado e suficiente de forma contínua, sem intermitências.

A forma de fazê-lo é garantir um aumento mundial da produção de alimentos, principalmente nos países em desenvolvimento, e assegurar acesso internacional aos excedentes nacionais de alimentos.

O Brasil tem cumprido a sua responsabilidade no terreno da produção de alimentos. A agricultura brasileira vem crescendo a uma taxa de 4,5% aa, até 1970 e 6,1% a partir de então, sendo um exportador líquido de alimentos. Apenas na produção de trigo o Brasil não é auto-suficiente tendo que se voltar para o mercado mundial. Mas mesmo neste cereal, caminhamos a largos passos para a auto-suficiência, tendo este ano produzido cerca de 65% de nossas necessidades.



Consciente do problema alimentar, o Brasil vem enfrentando, corajosamente, o desafio com uma série de medidas objetivas: modernização, aperfeiçoamento e dinamização da pesquisa agrícola, através da criação de uma empresa pública encarregada de promover, coordenar e custear as tarefas de pesquisa, em realista integração com os diversos organismos voltados para o desenvolvimento agrícola.

Ampliação e dinamização dos Serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, conferindo-lhes maior grau de eficiência através da ampliação de sua rede de assistência, do treinamento e capacitação do pessoal e da criação de órgãos colegiados destinados a deliberar sobre as políticas de Pesquisa, Assistência Técnica e Crédito Rural, procurando integrar as várias atividades para consecução dos objetivos de programação.

No campo do Crédito Rural o Brasil concede aos produtores, além do Sistema de Crédito Rural orientado, linhas de crédito para investimento, em condições especiais, para o desenvolvimento de programas prioritários. As linhas de crédito de comercialização são complementadas pela concessão de preços mínimos de garantia aos produtores agrícolas, mediante a simples classificação do produto, permitindo ao agricultor obter melhores cotações.

Recente instituição do Programa de Seguro de Crédito Agrícola, objetivando a cobertura dos riscos que incidem sobre a exploração agrícola, principalmente a frustração de safras por fenômenos climáticos e a ocorrência de catástrofes.

Aposentadoria e previdência social para o trabalhador rural, oferecendo ao camponês assistência médica e hospitalar gratuitas.

Programas de colonização visando ao assentamento de famílias rurais, não possuidoras de terras, assegurando-se a estas famílias a legitimação da posse e do uso da terra, além dos serviços e infra-estrutura necessários.

Estabelecimento de uma política de incentivos fiscais que permite a empresários brasileiros deduzirem de seus impostos sobre a renda os valores aplicados em proje-

tos de desenvolvimento agrícola, principalmente na Amazônia e na região do Nordeste semi-árido. Com este mecanismo, o Brasil vem experimentando a rápida ampliação de sua fronteira agrícola, complementando o Governo os investimentos necessários como o estabelecimento de infra-estrutura viária, de comunicações, educação, saúde, etc.

Programas de ampliação da rede de armazéns e silos vêm sendo encarados com alta prioridade pelo Governo Brasileiro. O Brasil possui empresas de economia mista que atuam em caráter supletivo para produtos e nas regiões de maior carência.

No tocante aos produtos perecíveis, o Brasil implementou um programa de criação de Centrais de Abastecimento, objetivando organizar o mercado atacadista, diminuir a intensidade da intermediação, evitando perdas por avaria e manipulação defeituosa.

As Centrais de Abastecimento se constituem, na prática em um mercado formador de preços favoráveis a produtores e consumidores não só por evitar a intermediação desnecessária mas, também, pela informação de mercado que o mecanismo enseja.



Entre outras, Senhor Presidente, estas são algumas das medidas de caráter doméstico levadas a efeito pelo governo brasileiro no setor agrícola.

No âmbito internacional o Brasil cre firmemente na necessidade de expandir a produção de alimentos nos países em desenvolvimento, reduzindo sua dependência do mercado internacional. Para a próxima década, e talvez por um período mais longo, é certo que os países em desenvolvimento continuarão a importar uma substancial quantidade de alimentos. Não é possível admitir, porém, que esta necessidade seja utilizada como justificativa para manter ou promover a produção agrícola em condições artificiais e anti-econômicas nos países industrializados. Não é admissível, tampouco, a perpetuação da chamada "assistência alimentar", encarada como um fim em si mesmo, o que é prejudicial ao país recipiente por-

que o torna dependente e o induz a negligenciar o desenvolvimento da produtividade de sua própria agricultura, ao mesmo tempo em que obriga o país doador à prática de preços especiais internos acima da realidade do mercado.

Os países industrializados fariam importante contribuição aos países em desenvolvimento facilitando-lhes o acesso às informações ao comércio em melhores condições de competição. As políticas comerciais e agrícolas dos países industrializados são, em inúmeras formas, restritivas aos países em desenvolvimento. Embora seja certo que os países em desenvolvimento ainda se veriam defronte de inúmeros problemas econômicos difíceis, se as barreiras comerciais aos seus produtos fossem reduzidas, não há dúvida de que suas receitas cambiais seriam substancialmente aumentadas.

Outra medida ao alcance dos países desenvolvidos, para ajudar construtivamente seus irmãos em desenvolvimento, seria eliminar a sua proteção institucional oferecida às formas monopolísticas de comércio internacional que implicam num menor volume de transações e num nível de preços maior. Estas formas imperfeitas de comércio são extremamente prejudiciais às nações menos desenvolvidas, quer nos mercados de produtos, quer nos mercados de fatores.

O bom desempenho dos mercados de fatores é essencial à melhoria dos índices de produção e produtividade agrícola dos países em desenvolvimento. É paradoxal, porém, que a uma situação de escassez de alimentos e ao clamor por uma maior disponibilidade de alimentos e preços baixos, corresponda uma situação de aumento desproporcional e injustificável nos preços dos insumos modernos. O Brasil não pode ver com clareza a possibilidade de se estabilizar o preço dos produtos alimentícios a baixos níveis quando os produtos e insumos que os países em desenvolvimento compram no mercado mundial, são presas de uma violenta espiral inflacionária.

Abordando a produção agrícola propriamente dita, Senhor Presidente, eu gostaria de observar que entre 1935/39 e 1960, aproximadamente 75% do aumento da produção de grãos nos países em desenvolvimento foram devidos ao aumento da área cultivada. Apenas recentemente e em algumas áreas é que o aumento da intensidade de cultivo tem sido significativo na produção de grãos. É interessante notar que a dependência do acréscimo da produção nos países em desenvolvimento

ao aumento da área de cultivo é a experiência dos países industrializados antes de 1940.

A produção por unidade de área era a mesma nos dois grupos de países no período de 1935-39, embora hoje a produtividade física seja substancialmente maior no grupo dos industrializados. A razão destas mudanças só pode ser encontrada nas diferenças tecnológicas entre um e outro grupo de países, que, por certo, determinam a inversão dos fluxos de comércio entre países.

Quando se reconhece o papel de uma tecnologia dinâmica na agricultura, as possibilidades de produção aparecem sob uma nova luz. Elas não são mais determinadas exclusivamente pelas forças imutáveis do clima e da geologia. Ao contrário, elas mudam continuamente em resposta à engenhosidade e à inventiva humanas, refletindo a capacidade diferencial dos diversos países de desenvolver técnicas que lhes permitam tirar proveito de oportunidades que são apenas implícitas nos seus recursos naturais. Desfaz-se a primazia dos recursos naturais como determinantes das atividades econômicas do país. A diferença de ênfase está longe do trivial, é a diferença entre a ênfase numa dotação de recursos naturais imutáveis como determinante da "performance" econômica e a ênfase do nível de sofisticação e versatili-





dade tecnológica. Mas a realidade é que não só os diferentes países empregam tecnologia diferente, os países variam também consideravelmente na sua habilidade de produzir mudanças tecnológicas apropriadas e de adotar e modificar tecnologia de outros países às suas próprias exigências.

Permita-me, Senhor Presidente, abordar algumas das dificuldades encontradas na geração desta tecnologia. Em primeiro lugar, a tecnologia agrícola é altamente específica com relação ao local (relações clima-solo-planta). Além disso, ela exige a formação de equipes interdisciplinares de alto nível e precisa de investimentos e tempo para produzir os resultados desejados. A combinação dos recursos necessários ao sucesso da pesquisa agrícola é encontrada em poucos dos países do mundo e está praticamente ausente da maioria dos países que necessitam, desesperadamente, aumentar sua produção de alimentos, ou seja, os países em desenvolvimento.

Para tanto, é necessário investir na formação de pessoal técnico qualificado e em pesquisa, diretamente. De acordo com estimativas da Evenson e Kislev, apenas 1% dos recursos governamentais da pesquisa agrícola mundial em 1965 foram investidos na África, América Latina e Ásia, com exceção da China. Estas áreas abrigam 75% da população mundial e com maior percentual no campo.

Os programas de cooperação internacional nos anos 1950-60, foram extensivamente feitos sob a pressuposição da transferibilidade tecnológica. A grande maioria das descobertas agrônômicas, porém, tem sido muito específica e hoje se tem noção do limitado impacto dos programas de cooperação das últimas décadas.

Com base nessas considerações amplas, sugere-se como medida fundamental para o aumento da produção de alimentos, que a Conferência Mundial de Alimentos adote a decisão de, por intermédio da FAO, instalar uma rede de centros internacionais de pesquisa, nos moldes do modelo concentrado, em áreas climáticas estrategicamente escolhidas, levando em conta as necessidades dos países de adaptar para as condições locais os resultados obtidos

nos centros internacionais da região. Este esforço concentrado de pesquisa é considerado pelo Brasil, Senhor Presidente, como um pré-requisito essencial ao aumento, em bases seguras, da produção de alimentos nos países em desenvolvimento. Concordamos, por certo, que a expansão da fronteira agrícola deve ser buscada sempre que possível, mas acreditamos que as disponibilidades econômicas de terras produtivas, em algumas áreas do globo, aproximam-se rapidamente da inelasticidade. Cremos, também, como Schultz, que pouco pode ser obtido pela simples realocação dos fatores produtivos dentro das práticas atualmente usadas. De mais a mais, temos a firme convicção de que a introdução de tecnologias mais produtivas e adequadas às condições específicas de mercados de produtos e fatores de cada país e região, aliada a outras medidas das políticas econômicas e institucionais, é um poderoso instrumento de elevação e distribuição de renda, ao nível das populações mais necessitadas, às populações agrícolas dos países subdesenvolvidos.

Calcada neste esforço tecnológico básico, a comunidade internacional deve dedicar também sua atenção à dinamização do sistema produtivo como um todo, entendendo-se o transporte, o armazenamento, a conservação e a comercialização como partes integrantes deste sistema, procurando eliminar distorções e imperfeições hoje tão evidentes.

No que diz respeito à Segurança Alimentar Mundial de curto prazo, Senhor Presidente, as análises do Comitê on Commodity Problems, levam à conclusão de que os estoques presentes e os possíveis a curto prazo são inadequados para alcançar os objetivos da segurança alimentar. Os níveis de estoques de 1974 estão abaixo dos objetivos nacionais em muitos dos países. Nos principais países exportadores estão próximos dos níveis mínimos de trabalho, deixando pouca margem para o atendimento de crises eventuais ou emergências em 1974-75. Uma série de países está empenhada na reconstrução de seus estoques. Caso haja surpresas nas perspectivas de produção, algumas já evidentes, a situação internacional poderá se agravar.



Numa perspectiva de curto prazo dever-se-ia buscar uma fórmula que permitisse a formação de estoques de emergência nos países em desenvolvimento. Para tanto, persistindo os atuais níveis de produção, parece que seria necessário que os países desviassem parte de sua produção, destinada ao consumo doméstico ou à exportação, e se dispusessem a manter esta parcela em disponibilidade. A comunidade internacional não dispõe de meios que imponham a participação compulsória dos países-membros. Por outro lado, a participação voluntária, além das dificuldades usuais, fica prejudicada dada a situação econômica internacional. Nestas condições, parece razoável que se crie um incentivo para que os países participem de tal programa.



Uma forma é acenar aos países interessados com a possibilidade de usar seus estoques domésticos para aumentar sua liquidez internacional. Estabelecidas as necessidades mundiais, um Fundo Especial do Banco Mundial abriria uma linha especial de crédito aos países em desenvolvimento, que seria concedida contra "recibos de armazém". Os estoques seriam avaliados por uma fração do preço FOB no país de origem e ficariam sob a custódia do Fundo, por um período julgado necessário, possivelmente até a entrada de uma nova safra quando os empréstimos seriam resgatados e os estoques voltariam, necessariamente, à custódia do país de origem. Apenas na eventual hipótese da necessidade emergencial de sua disposição a um país seriam eles transferidos. Os custos financeiros seriam rateados entre os países membros do fundo e subscritores do Acordo, em proporção a ser determinada.

No caso de os estoques serem cedidos a um país necessitado, isto implicaria na abertura de um crédito a seu favor sem necessidade de garantia real, estabelecendo-se condições especiais de pagamento. O débito do país cedente seria imediatamente cancelado. Os custos de transporte seriam debitados ao país receptor dos estoques.

Esta proposta tem a vantagem de não implicar em grandes custos e não ser compulsória, garantindo, porém, atrativos para os eventuais participantes. Uma dessas vantagens é o efeito estabilizante que

tal programa teria e que é inerente aos planos de moeda com reservas em produtos. Além disso, mediante um risco razoavelmente pequeno, os países produtores contariam com um financiamento razoável para montar seus próprios estoques.

Cumprido notar, porém, que tal plano só faz sentido a curto prazo, pois estas não são atribuições para o sistema financeiro internacional. Em realidade, a longo prazo, a solução está no aumento da produção nos países em desenvolvimento.

Também, faz-se necessário que o esforço de pesquisa e produção seja bem distribuído espacialmente, pois a segurança alimentar mundial vem, de há muito, sendo dependente de safras e estoques concentrados nos países industrializados das zonas temperadas do hemisfério norte. Esta concentração resulta num alto grau de insegurança, pois qualquer imprevisto climático produz uma grande instabilidade de oferta aos países necessitados. Esta concentração é prejudicial também em termos de custos financeiros, uma vez que os estoques devem ser mantidos por um ano inteiro, até a safra seguinte. Uma melhor distribuição dos esforços de produção entre as zonas temperadas e tropicais dos hemisférios sul e norte, é necessária e será altamente benéfica ao aumento da segurança alimentar. Estes benefícios serão derivados:

1. das amplas possibilidades produtivas das zonas tropicais e temperadas do hemisfério sul;
2. das possibilidades de dupla colheita nos trópicos;
3. do fato de uma grande parcela das populações mais necessitadas estarem na África, na América do Sul e na Ásia;
4. de se elevarem as rendas "per-capita" das populações agrícolas destas regiões; e
5. de se reduzir o tempo necessário ao armazenamento de estoques de emergência.

Finalmente, Senhor Presidente, gostaríamos de reafirmar o apoio do Brasil aos objetivos gerais desta Conferência, manifestando nossas reservas a algumas medidas específicas que não nos parecem do melhor interesse para os países em desenvolvimento, os mais necessitados dos aumentos e normalização no fluxo de oferta de alimentos.

Repetindo nossos comentários de abertura, queremos manifestar novamente a confiança do Brasil na capacidade da ciência e engenhosidade humana, para encaixinar a solução deste difícil problema alimentar, para tanto, bastando apenas que trabalhemos juntos.

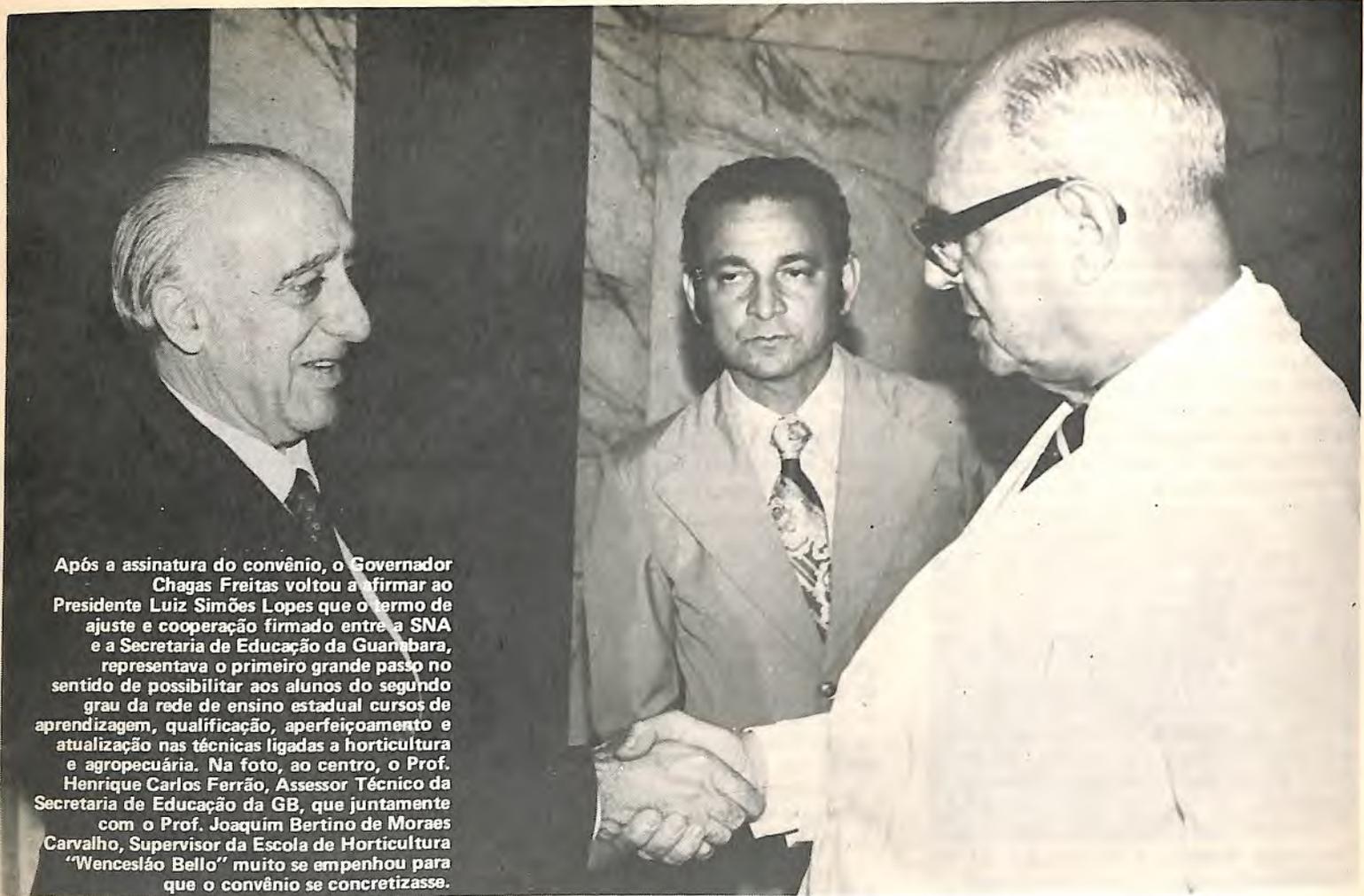
Ao encerrarmos, gostaríamos de transmitir a esta Assembléia a confiança do Senhor Presidente Ernesto Geisel no poder do entendimento entre os povos, o melhor caminho para a solução dos problemas da Comunidade Mundial."

N.R. — Agradecemos ao Assessor Regional de Informação da FAO, jornalista Claudio R.P. Fornari, o excelente material fotográfico utilizado nesta reportagem.

CONSELHO MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO

O término da conferência em Roma, ficou decidida a criação de um Conselho Mundial de Alimentação com sede na capital italiana, além da inclusão de mais três projetos na declaração final da conferência: facilidades para a aquisição de bens alimentícios por parte dos países subdesenvolvidos importadores; tratamento preferencial para as exportações de produtos agrícolas procedentes das nações pobres e estabelecimento de um conselho de segurança alimentar a nível mundial.





Após a assinatura do convênio, o Governador Chagas Freitas voltou a afirmar ao Presidente Luiz Simões Lopes que o termo de ajuste e cooperação firmado entre a SNA e a Secretaria de Educação da Guanabara, representava o primeiro grande passo no sentido de possibilitar aos alunos do segundo grau da rede de ensino estadual cursos de aprendizagem, qualificação, aperfeiçoamento e atualização nas técnicas ligadas a horticultura e agropecuária. Na foto, ao centro, o Prof. Henrique Carlos Ferrão, Assessor Técnico da Secretaria de Educação da GB, que juntamente com o Prof. Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, Supervisor da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" muito se empenhou para que o convênio se concretizasse.

SNA colabora com Governo do Estado para expansão do ensino profissionalizante de segundo grau



O Governador Chagas Freitas fez questão de presidir o ato da celebração do convênio entre a SNA e a Secretaria de Educação da Guanabara, cabendo ao Presidente Luiz Simões Lopes e ao Secretário Celso Kelly assinarem pelas partes convenientes. O Prof. Henrique Carlos Ferrão (de pé), Assessor Técnico da Secretaria de Educação, que muito trabalhou na elaboração do documento, teve sua atuação destacada pelo Presidente da SNA no decorrer da cerimônia.

A partir do próximo ano letivo, os alunos dos estabelecimentos oficiais da rede de ensino estadual, irão se beneficiar do convênio assinado dia 6 de novembro entre a Secretaria de Educação da GB e a Sociedade Nacional de Agricultura.

A finalidade principal do ajuste firmado, é a de propiciar àqueles alunos cursos de habilitações profissionais de 2.º grau, orientados para a agropecuária, administração, nutrição e contabilidade, proporcionando aos estudantes aprendizagem, qualificação, aperfeiçoamento e atualização, em ambiente adequado ao desenvolvimento dessas atividades.

Os cursos serão ministrados em dependências da Escola de Horticultura "Wencesláo Bello", na Penha, cujas salas de aulas, laboratórios e oficinas serão reequipados pela Secretaria de Educação, a quem caberá, ainda, organizar os currículos e prestar a assistência técnica e pedagógica que se fizer necessária, nos termos da legislação pertinente.

A solenidade de assinatura do convênio — realizada no Palácio Guanabara — teve a presidência o Governador Chagas Freitas, cabendo ao Presidente Luiz Simões Lopes e ao Secretário Celso Kelly firmarem o documento em nome da SNA e da Secretaria de Educação, respectivamente.

Ao ato estiveram presentes, também, os diretores da SNA, drs. Gil-



berto Conforto, 3.º vice-presidente; Carlos Infante Vieira, 1.º secretário; Octávio Mello Alvarenga, 2.º secretário; José Resende Peres, 3.º secretário e Rufino d'Almeida Guerra Filho, diretor-técnico, além dos professores Agrícola Castelo Borges, que responde no momento pela direção da Escola de Horticultura "Wencesláo Bello"; José Manarino, diretor do Departamento de Ensino de 2.º Grau da Secretaria de Educação e Henrique Carlos Ferrão, assessor-técnico da mesma Secretaria.

O Secretário Celso Kelly (E) manifestou ao Presidente Luiz Simões Lopes a satisfação do Governo da Guanabara em poder contar com a colaboração da SNA ao programa de expansão do ensino profissionalizante no Estado.



Sob as vistas dos Diretores da SNA, Drs. Gilberto Conforto (3.º Vice-Presidente), José Resende Peres (3.º Secretário) e Rufino d'Almeida Guerra Filho (Diretor Técnico), o 1.º Secretário, Dr. Carlos Infante Vieira, subscreveu o convênio na qualidade de testemunha.

MEDALHA "VICTORIA PIRES"

para personalidades brasileiras

Exatamente há um ano, esteve em visita ao Brasil, acompanhado de sua esposa D. Maria do Céu, o ilustre professor Domingos Rosado Victoria Pires, que foi ministro da Agricultura de Portugal por largos anos e dirigiu a Estação Agronômica Nacional de Oeiras, em Lisboa e a Estação de Melhoramento de Plantas de Elvas.

Homem ilustre por todos os títulos, especialmente no campo da pesquisa agrária, o Prof. Victoria Pires foi eleito membro da Academia de Ciências Agrárias da Suécia e da Academia Francesa de Agricultura, além de ser membro efetivo das mais importantes sociedades culturais da Itália, Suíça, França e Alemanha, sendo sócio correspondente da Sociedade Nacional da Agricultura.

Grande amigo do Brasil, o prof. Victoria Pires, quando ocupava os postos chaves da administração do país irmão, facilitou e estimulou o intercâmbio, seja enviando técnicos de elevado gabarito para as instituições brasileiras, tais como o Instituto Agronômico de Campinas; Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul; Estação Experimental de Enologia, de Caxias e muitas outras. Quando surgiu o problema da "ferrugem do café", facilitou a vinda ao Brasil do prof. Branquinho de Oliveira, autoridade internacional da cafeicultura e conhecedor do problema em Angola e Moçambique.

Ao ensejo de sua aposentadoria — que coincidiu com sua visita ao Brasil — amigos seus dirigentes das ins-



O Ministro Alysson Paulinelli recebeu a Medalha Victoria Pires em Porto Alegre, por ocasião da II Expointer, realizada em Esteio.



tuições agrícolas de Portugal, resolveram criar a Medalha Victoria Pires, que, até então, tem sido ofertada a personalidades ligadas ao setor agrícola.

Sabendo do carinho com que o ilustre cientista foi recebido no Brasil, os criadores da Medalha deliberaram concedê-la a diversas personalidades brasileiras, com as quais o prof. Victoria Pires manteve contato na sua viagem.

O jornalista Alexandre Fernandes indo a Portugal, foi incumbido de trazer

essas lãureas, que foram entregues aos srs. Prof. Alysson Paulinelli, Ministro da Agricultura; Prof. Hugo de Almeida Lema, ex-Ministro da Agricultura; Professor Edgard Irio Simm, Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul; Dr. Luciano Machado, Ministro do Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul; Embaixador Batista Luzardo, grande pecuarista e agricultor no estado sulino; Comendador Lino Morganti, autoridade na cultura da cana e da agroindústria do açúcar; Dr. Walker Araújo, ex-presidente da Federação da Agricultura da Bahia; Dr. Rufino D'Almeida Guerra Filho, ex-diretor do SIA e presidente da Associação dos Servidores da Agricultura; Dr. Luiz Simões Lopes, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura; Dr. Moreira Leite, presidente do Clube Comercial; Dr. Kurt Repsold, vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura e Dr. José Alvares Filho, presidente da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais.

Nas diversas solenidades, o jorna-

lista Alexandre Fernandes salientou a figura do prof. Victoria Pires, destacando o significado dessa homenagem, ao mesmo tempo que dizia ser essa medalha, a expressão da gratidão dos técnicos e cientistas agrícolas de Portugal, aos ilustres brasileiros que acolheram tão carinhosamente o nosso grande amigo.

O Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, ao receber a medalha em solenidade.



Flagrante da solenidade realizada durante o II Encontro Nacional da Agricultura, na Gameleira, em Belo Horizonte, ao ser entregue a Medalha Victoria Pires ao dr. José Alvares Filho. Na mesa, o Ministro Alysso Paulinelli, o Governador Rondon Pacheco, o Secretário da Agricultura de Minas e o laureado.



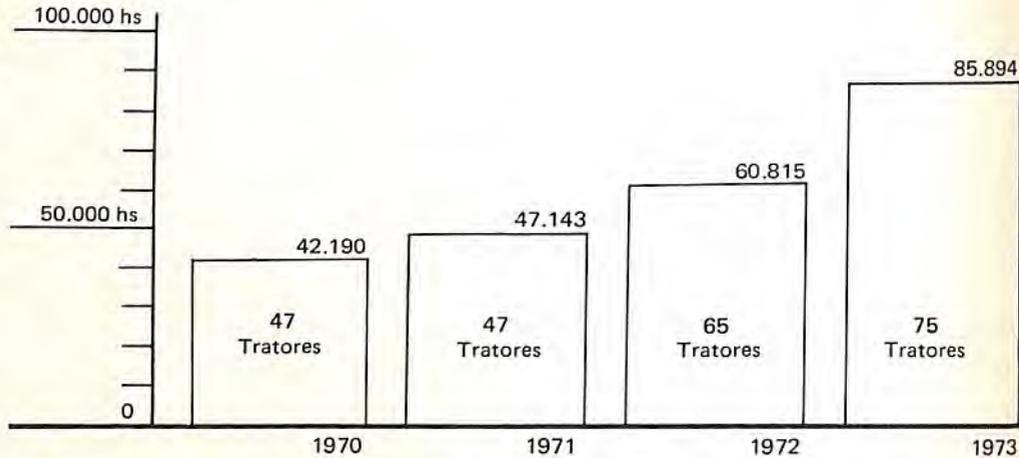
AGRICULTURA CAPIXABA

Os últimos três anos mostraram uma completa transformação na agricultura capixaba. Além de ampliar sua posição de maior produtor brasileiro de café conillon, o Espírito Santo iniciou com grande êxito o plantio do sorgo e da soja, apresentando índices técnicos e de produtividade situados entre os melhores resultados obtidos em todo o país. Por outro lado, a produtividade média por hectare nas lavouras de milho e de feijão, no Espírito Santo, teve um aumento acentuado com os concursos promovidos pela Secretaria da Agricultura, e o setor de defesa sanitária animal mostrou uma atuação dinâmica, servindo hoje como modelo para outros Estados, que passaram a solicitar assessoria da Secretaria da Agricultura, para empreenderem programas idênticos aos aplicados no Espírito Santo.

O fornecimento intensivo de insumos agro-pecuários foi intensificado, sendo que a distribuição e aplicação de corretivos e fertilizantes nas lavouras capixabas, aumentou em dois mil e quatrocentos por cento, nos últimos três anos. Outros aspectos de grande relevância, verificados no ano passado, foram a criação de organismos, em nível de decisão e execução, tais como a EMESPE – Empresa Espírito-Santense de Pecuária, EMCAPA – Empresa Capixaba de Pesquisa Agro-Pecuária, e a CEASA – Central de Abastecimento, que juntaram-se às já existentes: COFAL – Companhia de Fomento Agro-Industrial, CERMAG – Companhia de Engenharia Rural e Mecanização Agrícola, e CASES – Companhia de Armazéns e Silos.

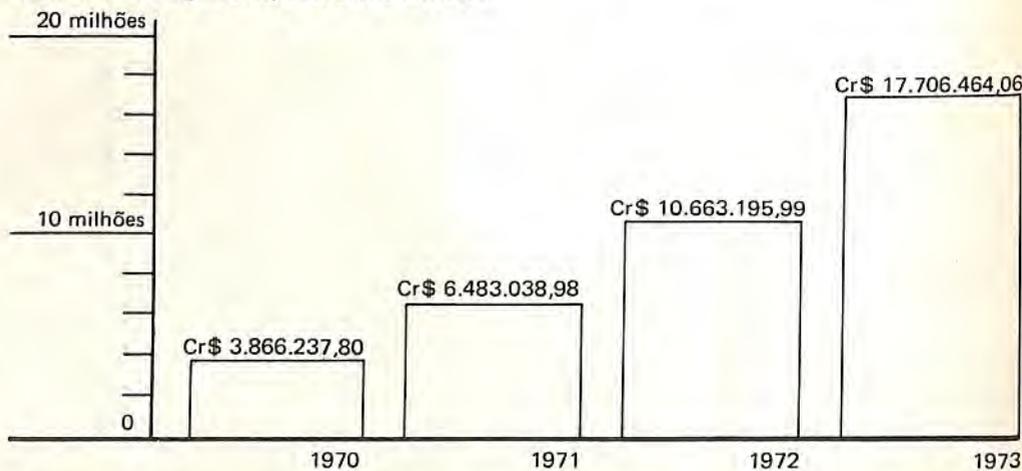
A aplicação de estudos de experimentos e pesquisas, dos laboratórios de Entomologia, Fitopatologia, Ornotopatologia, Análise de Solos, Análise de Sementes e o Instituto Biológico, bem como os vários convênios entre entidades e empresas como a ACARES, CIBRAZEM, BANESTES, CEPLAC, DNOS e IBC, contribuíram decididamente para o completo sucesso das novas diretrizes adotadas há três anos.

A mecanização agrícola apresentou índices de crescimento, muito significativos. A elevação no número de tratores permitiu um expressivo número de horas trabalhadas, nos três últimos anos.



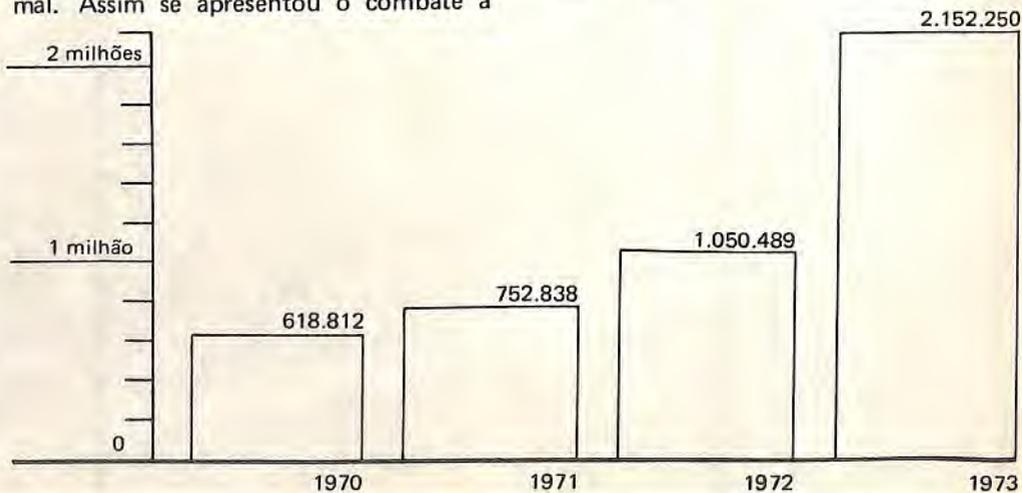
As vendas de insumos, tais como Rações, Fertilizantes, Implementos Agrícolas, Ferramentas, Produtos Veterinários e Defensivos Agrícolas, acusaram um cres-

cimento da ordem de 66% sobre o faturamento de 1972, e 357% sobre o faturamento de 1970.



Outro setor extremamente beneficiado pela arrojada atuação da Secretaria da Agricultura foi o da defesa sanitária animal. Assim se apresentou o combate à

Brucelose, Aftosa, Raiva bovina, Carbúnculo sintomático, Carbúnculo hemático e Peste suína.



A partir de 1971, passamos a somar as vacinações efetuadas pela Secretaria da Agricultura, em conjunto com o GECOFA-ES.

Os Concursos de Produtividade, tem a finalidade de incentivar a utilização desses

insumos, e reunir os elementos necessários à determinação de estágio e produção, bem como, subsidiar as instituições técnicas e creditícias no sentido de melhor orientar suas ações, e compatibilizar as produções do Estado com as metas pre-

vistas pelo corredor de exportação. Assim sendo, os Concursos de Produtividades de 1972/73, estimularam o aumento de rendimento médio estadual das culturas do Feijão e do Milho. Estes foram os resultados:

MILHO		FEIJÃO	
RENDIMENTO ANTES DO CONCURSO	770	RENDIMENTO ANTES DO CONCURSO	288
RENDIMENTO PREVISTO	2.400	RENDIMENTO PREVISTO	1.000
RENDIMENTO ALCANÇADO	3.452	RENDIMENTO ALCANÇADO	1.223

A produtividade média do milho, antes de 770 quilos por hectare, embora prevista para ser aumentada para 2.400 kg/ha, alcançou um resultado de 3.452 kg/ha. Da mesma forma, a produtividade das lavouras de feijão superaram as expectativas. Embora a previsão fosse de 1.000 kg/ha, as lavouras de feijão passaram de um rendimento médio de 288 kg/ha para 1.223 kg/ha.

Já em 1974, os resultados superaram as expectativas mais otimistas. Os dados preliminares mostram uma produtividade média para as lavouras de feijão, 1.450 kg/ha, e para as plantações de milho, de 4.500 kg/ha.

O empenho da Secretaria da Agricultura em diversificar a atividade agro-pecuária, fez com que fosse elaborado um trabalho de previsão de safras e de informação do mercado agrícola, com base em levantamentos aerofotogramétricos, coletas de dados, intercâmbio de informações, publicação de boletins e divulgação dos objetivos do Governo do Estado e da União.

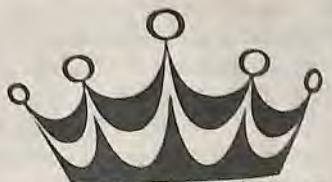
O zoneamento agro-pecuário, por sua vez, visa estimular a aplicação de uma política integrada às necessidades do mercado e às características próprias de cada região.

Procurando assegurar a contínua participação do agro-pecuarista capixaba, no desenvolvimento nacional, a Secretaria da Agricultura contratou firmas especializadas para levantarem estudos, já em fase de conclusão, com o objetivo de criar novas oportunidades de investimentos em Agro-Indústrias.

Na falta de uma leve a outra.

qualidade Moinho Fluminense

FARINHA DE TRIGO PURA



FAVORITA

MARCA REGISTRADA

Peso Líquido 1 kg

PARA USO DOMÉSTICO



Moinho
luminense S.A.
INDÚSTRIAS GERAIS
FUNDADO EM 1987
FABRICA

FARINHA DE TRIGO PURA

Peso Líquido 1 kg



MARCA REGISTRADA
ESPECIAL PARA USO DOMÉSTICO

Moinho luminense S.A.
FUNDADO EM 1987
FABRICA

MOINHO LUMINENSE S. A. INDÚSTRIAS GERAIS

FABRICA: RUA SACADURA CABRAL, 280/290 - RIO DE JANEIRO - GB.

O início do uso da terra no Brasil nos princípios do século XVI baseou-se no extrativismo, na pura e simples *apanha* do que existia e valesse a pena levar para Lisboa, o grande entreposto de produtos tropicais, justificando assim a expressão de Roberto Simonsem: vocação oceânica da economia brasileira.

Essa *apanha* ou *cata*, não foi suficiente para dar o domínio da terra. Por isso nossos primeiros colonizadores portugueses bem cedo foram levados a mudar para instalação de uma agricultura e de uma pecuária fundamentalmente voltadas para o comércio de exportação e indiretamente para parte do custeio da população.

As viagens marítimas eram difíceis e demoradas. As despesas deveriam ser pagas pela carga de produtos vindos de Portugal e garantida a volta com produtos brasileiros.

Com isso implantou-se uma dependência da importação para uma população a princípio crescendo lentamente e preferindo o produto estrangeiro.

O empresário agropecuário brasileiro teve assim marcado um rumo para o uso da terra: seria uma agricultura e uma pecuária de exportação à qual, como complemento das importações se juntaria uma agricultura para subsistência e uma pecuária que forneceriam o animal de tração, o couro para muitos usos, a carne, o leite, a gordura e mais alimentos para a população local.

Mais tarde exportamos açúcar, couros, madeiras, fumo. Depois chegou o café, a cultura principal, um tipo abrasileirado da clássica *plantation*, monocultura em grandes áreas, sustentando sozinha e por muito tempo a economia nacional. Junto fundou-se uma relativa fartura de alimentos, obtidos de pequenas lavouras ou se faziam subsidiárias, intercaladas da lavoura principal. Era e é o tradicional *sistema de roças* ainda em uso pelo mundo, seguindo repetida rotação de terras, devido à ainda grande disponibilidade de terras e à escassez de capital para implantar outro sistema.

Convenhamos ser a *roça* tradicional e rotineira, pouco rentável, mas contem todos os pontos para ser considerada o mais acertado método a ser usado onde pouca gente, pouco capital e muita terra estão à disposição do empresário agropecuário.

No caso brasileiro essa preferência foi feita para cumprir a missão fundamental de implantar uma agricultura e uma pecuária onde "em se plantando dá" e onde "não havia animais habituados ao viver dos homens" como está na famosa carta de Caminha.

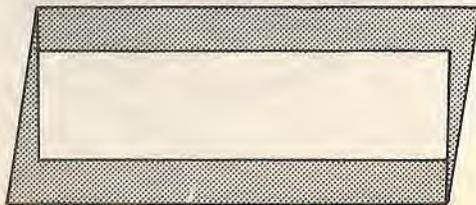
Assim pôde a terra, no sentido político, geográfico e administrativo ser dominada pelo colonizador lusitano, pois só a agricultura e a pecuária fixam populações. Assim também se está fazendo agora nos grandes eixos rodoviários, fatores da integração nacional.

O crescimento da população; a ampliação da fronteira econômica interna, cres-



a agropecuária entre o mercado interno e o mercado externo

Prof. ROMOLO CAVINA
Dir. Técnico da SNA



cendo as distâncias; as dificuldades nos mercados externos com as guerras, crises, acordos, colonialismo franco ou disfarçado, etc. levaram à diversificação de produção agropecuária em áreas cada vez maiores.

Desenvolveu-se lentamente e relativamente pobre um mercado interno, interdependente do mercado externo.

No momento uma boa parte do empresário agropecuário brasileiro estaria no dilema de decidir-se pelo mercado interno ou pelo mercado externo.

Em ambos o incentivo fundamental é o preço de mercado, evidentemente a níveis diferentes.

Como se sabe a cotação dos produtos exportados é originada no exterior e também se sabe que há um prazo, relativamente já se alongando, em que a curva de preços de alimentos e matérias primas tem declinado ultimamente em todo o mundo.

Vejam-se o café, o açúcar, o algodão, a carne, para os quais as cotações em Londres, Nova York ou Liverpool ditam os limites ao produtor brasileiro, embora eventualmente alguns produtos alcancem preços excepcionais.

Finalmente: voltarmos para o mercado interno, onde vemos uma população em violento crescimento demográfico, espalhada em amplo território, ainda de bem baixa renda per capita, mas esforçando-se para uma melhoria econômica e submetendo-se a mudanças.

É uma população desejosa de melhorar seu padrão de vida, enfrentando corajosamente a desvalorização de sua moeda pela inflação, enfrentando os consequentes preços elevados para seus alimentos produzidos em empresas agropecuárias que têm enormes dificuldades em baixar seu



custo de produção porque os necessários insumos lhe chegam muito caros.

Ao consumidor brasileiro são indispensáveis muitos produtos agropecuários que precisam ser produzidos em maior volume e que devem circular e distribuir-se pelo amplo mercado interno a preços compatíveis, dentro de um adequado mecanismo de comercialização.

A sensibilidade dos negócios da empresa agropecuária é atingida pelo elevado custo dos insumos a que deve recorrer para baixar o custo de produção. Isto significa que a modernização das atividades agropecuárias será lenta e se torna penosamente difícil, talvez até economicamente contraindicável, como por exemplo, a preços atuais, o custo de adubação de uma laranjeira é maior que o acréscimo de produção que acarreta.

Há um mercado interno amplo e crescente, com imensa capacidade de consumo, mas de renda um tanto modesta. Há recursos naturais que formam o lastro sobre o qual se poderão investir insumos, mão-de-obra e tecnologia moderna, mas estes pelo seu elevado custo levam o empresário agropecuário a preferir não mudar, a seguir uma agricultura e uma pecuária tradicionais, do tipo extensivo, com a já referida rotação de terras, empregando reduzidos insumos e obtendo também reduzida rentabilidade, mas produzindo.

Mudar para qualquer empresário significa normalmente investir mais. Particularmente o agropecuário é mais pobre, mais descapitalizado e enfrenta um mercado pouco compensador, que lhe dificulta a capitalização em termos econômicos.

Sem atentarem a esses detalhes alguns autores já acusaram a agropecuária de estar defasada com a economia nacional e de causar-lhe sérios obstáculos ao crescimento.

Acontece, todavia, que foi, é e será por muito tempo essa agropecuária, assim mesmo aparentemente descompassada, quem financiou e ainda por muito tempo financiará o progresso nacional.

Muitos governos não atentaram devidamente para o papel da agropecuária no crescimento brasileiro e a oneraram sem ampará-la. Ela dava tudo à economia nacional e receberia de volta, por exemplo, o orçamento do Ministério da Agricultura como sendo dos menos aquinhoados no orçamento Federal.

A produção de alimentos — quase toda é de origem agropecuária — é oficialmente tabelada, embora tenha o incentivo dos preços mínimos, ainda que restritos a uns poucos produtos e ainda não funcionando a plena satisfação.

Em contraste as compras que o empresário agropecuário precisa fazer são pagas a preços crescentes: adubos, defensivos, arados, tratores, arame farpado, remédios veterinários e até a mão-de-obra.

Por outro lado a comercialização dos produtos agropecuários onera profundamente o preço ao produtor tão distante do preço pago pelo consumidor e que lhe causa impacto negativo na decisão de investir para modernizar a tecnologia que vem empregando.

Lembre-se que daqui para diante e cada vez mais o empresário agropecuário brasileiro deverá aumentar sua produção com o uso cada vez mais restrito de mão-de-obra, visto que o desenvolvimento econômico impõe que a população rural deverá abastecer o contingente urbano, o que é desejável e animador.

Se outras fossem as respostas do mercado interno e do externo às compras e vendas dos empresários agropecuários bem maiores perspectivas e grandes possi-

bilidades de mudanças chegariam ao empresário agropecuário que, na realidade brasileira, é o melhor freguês para o industrial e para o comerciante.

Aqui tem suas bases a ação oficial facilitando o crédito, a assistência técnica, os transportes, a armazenagem, os preços mínimos. Mas tudo isso pode desaparecer pela comercialização prejudicial ao produtor e ao consumidor.

Cabe agora referência mais clara ao dilema do empresário agropecuário brasileiro: mercado interno versus mercado externo.

Em primeiro lugar fazendo-se a competição a nível de preços aqui o agricultor já perdeu porque a exportação é feita pelo intermediário.

Ideal seria que organizações de produtores, especificamente cooperativas, pudessem levar seu produto ao mercado externo.

Normalmente, porém, o comércio exterior alcançando resultados competitivos chega com seu estímulo ou com suas limitações e recusas na safra seguinte, quando o agricultor já investiu e espera colher novamente.

Aqui se faria presente o Estado em subsidiar ou onerar a exportação com vistas preferenciais ao mercado interno. Conviria exportar mais do que atender ao consumidor nacional?

Surgem aqui questões muito sérias: o preço interno tende a se nivelar ao externo — muito pesado para o nosso consumidor. Os estoques seriam todos colocados no exterior deixando o brasileiro em deficiência.

É uma problemática difícil pois que a agropecuária é estacional e exige prazo para efetivar providências e ou decisões. Agora ou daqui há um ano a posição estatística do café, do gado de corte, etc. terão aspectos inteiramente diversos. Seus preços nacionais e internacionais como estarão?

Conviria continuar atendendo a dois mercados tão diferentes? Conviria sacrificar o interno pelas divisas que o externo oferece e de que o Brasil muito precisa?

Esses e outros mais são os riscos do negócio agropecuário com destinação ao mercado interno e ao mercado externo.

Com um profundo sentido de acertada política agrária brasileira vem agora a público o II Plano Nacional de Desenvolvimento — II PND — reconhecendo o devido lugar da agropecuária.

Depois de reconhecer que as atividades agrárias precisam seguir normas empresariais modernas, o II PND afirma — “a agropecuária que vem tendo em geral bom desempenho, é chamada a cumprir um novo papel no desenvolvimento brasileiro com contribuição muito mais significativa para o crescimento do PIB — produto interno bruto — e mostrando ser o Brasil capaz de realizar sua vocação de supridor mundial de alimentos e matérias primas agrícolas, com ou sem elaboração industrial”.

cartas

Geraldo de Oliveira Lira.

LEITOR, esta página da revista "A Lavoura", é destinada a você exclusivamente e, portanto está a sua disposição para **RECLAMAÇÕES, CRÍTICAS, SUGESTÕES** ou **CONSULTAS** que nos pretenda fazer, mesmo que demandem pesquisas bibliográficas.

TRIGO PODE TRANSMITIR SÉRIA DOENÇA PULMONAR

Uma doença que ataca os trabalhadores que lidam com o trigo foi identificada por médicos do Hospital de Sheffield, nordeste da Inglaterra.

É causada por esporos de fungo, com apenas um milésimo de milímetro, que crescem nas espigas de trigo e que quando aspirados durante a debulha ou embalagem podem causar desagradáveis complicações respiratórias, penetrando nos alvéolos pulmonares.

Em alguns casos, a pessoa atacada atinge um grau de susceptibilidade que a torna impossibilitada de trabalhar onde existe o pó despreendido pelo trigo.

A doença propriamente dita não constitui novidade, mas sim a descoberta de sua causa, e um relatório da equipe médica, baseado em quatro anos de estudos em fazendas de Lincolnshire, será emitido brevemente.

Entre as recomendações apresentadas no relatório estão alterações no desenho de debulhadores e enfardadores para combater o pó, máscaras para os trabalhadores e, em muitos casos, promover os armazéns e secadores de cereais de, pelo menos, ventilação adequada ou, se necessário, equipamento de extração de pó.

O relatório acrescenta que, em virtude de formação oculta da doença (cujas primeiras referências datam de 1713), podem passar-se cinco anos antes que os sintomas se tornem evidentes. Acredita-se que esta seja a razão pela qual a causa não foi descoberta há mais tempo. (British News Service).

CENTRO FRANCÊS DE INFORMAÇÃO INDUSTRIAL E ECONÔMICA - SERVIÇO DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO CONSULADO GERAL DA FRANÇA EM SÃO PAULO - O Salão da Agricultura a realizar-se em Paris, no Parque das Exposições da Porta de Versailles, de 2 a 9 de março do próximo ano, reunirá os expositores e os visitantes de 50 países vindos dos cinco continentes.

Serão apresentados:

1. Animais das diferentes espécies criadas na França (uns 2.000 exemplares);
Produtos para a agricultura (Alimentos para o gado, produtos veterinários, adubos, sementes).

A exposição europeia de animais de criação terá também o concurso geral dos produtos (3.000 produtos diferentes) em particular os queijos destinados a exportação.

2. A Exposição Canina Internacional apresentará 3.000 cães de todas as raças.
A Exposição Internacional de Apicul-

tura apresentará 5.000 exemplares selecionados de abelhas. - Serão também apresentadas as atividades no campo (diversões, caça, pesca, jardinagem, ambiente de vida).

Para maiores informações sobre o Salão da Agricultura e da Máquina Agrícola, Rua Avanhandava 616 - 01306 SP.

Joaquim Carlos de Souza e Edvaldo Nogueira Rios - ESCOLA ESTADUAL POLIVALENTE/UBÁ/MG

Os artigos e demais assuntos publicados por sua revista, constituem para nós, professores de Técnicas Agrícolas da Escola Estadual Polivalente de Ubá, um excelente material didático.

Por serem atuais, sérias, elaboradas com o mais alto teor técnico e em linguagem acessível, sua publicação é altamente apreciada por nossos alunos que, em nossa área de ensino tecnológico, adquirem uma noção ampla e objetiva sobre agricultura.

Utilizando, muitas vezes, como fonte de pesquisa essa excelente revista, nossos alunos elaboram e executam pequenos projetos agropecuários e, através do método "aprender fazendo" adquirem conhecimentos e se conscientizam do alto valor das atividades agrícolas - tecnicamente orientadas - como base da sobrevivência e sustentáculo do desenvolvimento.

Sendo preferida pelos jovens, sua revista está evidentemente alcançando seu real objetivo que é informar, orientar, divulgar e conscientizar sobre agrotécnica moderna. Parabenizamos-nos por isso.

Tendo nossos alunos manifestado o desejo de elaborar e executar projetos sobre "Como cultivar orquídeas" e não possuindo bibliografia suficiente, gostaríamos que essa revista publicasse na medida do possível, artigos sobre este assunto.

Gratos pelos conceitos e sugestões. Vamos pesquisar e brevemente, voltaremos ao assunto.

ONAU RUANO/BOTUCATU/SP

Sou estudante do terceiro ano de Agronomia na Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, "A Lavoura", senti que é uma publicação que muito contribuirá para o aumento e melhoria dos meus conhecimentos no setor agropecuário.

Assim, solicito-lhes a inclusão do meu nome no quadro dos já premiados com uma assinatura.

- *Seu pedido foi atendido*

EDNA DORA M. NEWMAN - Eng. Agr. INSTITUTO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO NORDESTE - EMBRAPA - RECIFE/PE.

Em conformidade com o proposto em sua carta de 21 de agosto deste ano, temos o prazer de enviar-lhe o artigo "Novas Chances para Controle das Doenças das Culturas Perenes Tropicais, para publicação em "A Lavoura".

Pela presente, agradecemos-lhe o interesse em atender-nos e esperamos contar sempre com a colaboração desta Revista na divulgação de nossos artigos científicos.

- *O Artigo realmente está muito bom. Esperamos novos trabalhos para publicação. Pode contar com a melhor boa vontade e colaboração de "A Lavoura".*



ANCARPE incrementa produção de melão

O Serviço de Extensão Rural de Pernambuco ANCARPE, está incrementando a cultura do Melão nas margens do Rio São Francisco, visando a contribuir para a diversificação de culturas naquela área. Com essa atividade a ANCARPE possibilita novas opções aos agricultores, até então dedicados à monocultura da Cebola.

Estão sendo assistidos diretamente pelos técnicos do Serviço de Extensão Rural de Pernambuco, 59 produtores de Melão, numa área de 136 hectares, o qual já está em fase de colheita e comercialização. Anteriormente ao plantio foram mantidos entendimentos e firmado contrato para comercialização do produto, com a Cooperativa Regional Agrícola de Cotia em São Paulo. De acordo com o mesmo, as Cooperativas Agropecuárias, de Santa Maria da Boa Vista e de Cabrobó estão entregando à Cooperativa de Cotia a produção de Melão dos seus associados para comercialização nas praças das regiões do Centro e do Sul do País, no período de agosto a dezembro. Está prevista a comercialização de 2.250 toneladas de Melão.

Os produtos colhidos estão sendo devidamente selecionados, classificados e embalados de acordo com as exigências do mercado e da Cooperativa de Cotia. Para corresponder a essas exigências, os produtores recebem assistência dos Gerentes Técnicos das Cooperativas de Cabrobó e

Santa Maria da Boa Vista, que atuam através do convênio SUVALE/ANCARPE.

ÉPOCA

Apesar do custo de produção do Melão ser relativamente elevado, a cultura oferece garantia de um lucro líquido satisfatório, desde que produzido em época certa.

O município onde se concentra o maior número de produtores é o de Santa Maria da Boa Vista, com 41 plantadores em 93 hectares. Os demais municípios são: Cabrobó, Orocó e Belém do São Francisco, com 6 agricultores cultivando numa área de 20,16 e 7 hectares, respectivamente. Estão sendo colhidos em torno de 20 toneladas de frutos, por hectare.

O Melão que está sendo cultivado com assistência técnica da ANCARPE nas margens do Rio São Francisco está obtendo boa aceitação no Sul do País. O clima daquela região constitui o fator principal para a excelência do produto no que diz respeito a sua conformação, coloração e sabor. Por outro lado, a área situada as margens do Rio São Francisco tem condições de produzir melão no período de entre-safra para o atendimento dos mercados consumidores. Além das condições climáticas serem favoráveis, há uma abundante disponibilidade de água para o atendimento das exigências hídricas da cultura.



**THUYA
AVÍCOLA
SIMÕES**

MEDICAÇÃO PREVENTIVA e CURATIVA DAS PIPÓCAS (OU CAROÇOS) DOS PINTOS, GALINHAS, PERÚS, MARRECOs, PATOS, POMBOS, PÁSSAROS E AVES EM GERAL

Para o interior enviamos pelo reembolso postal, e também a venda à Rua do Matoso, 33 - Rio - GB e Praça João Mendes, 31 - S. Paulo

Na região da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, a cultura do quiabo tem grande expressão econômica. A produtividade da cultura, todavia, é extremamente variável, principalmente em função do tipo de solo e das práticas tradicionais empregadas.

Além das culturas desenvolvidas na faixa de solo turfoso em Piranema, Itaguaí, Estado do Rio de Janeiro, existem extensas áreas cultivadas com o quiabeiro em outros tipos de solos, notadamente de textura arenosa.

Material e Métodos – O presente trabalho foi realizado na Seção de Horticultura do IPEACS, Itaguaí, Estado do Rio de Janeiro, em solo planossol da Série Ecologia.

O delineamento experimental utilizado foi o de blocos casualizados com 5 tratamentos em 4 frequências. Foram utilizadas parcelas de 12,60 m² de área útil. Os tratamentos foram os seguintes:

A – Espaçamento de 1,00 m x 0,30 m com uma planta por cova.

B – Espaçamento de 1,00 m x 0,40 m com uma planta por cova.

C – Espaçamento de 1,00 m x 0,50 m com uma planta por cova.

D – Espaçamento de 1,00 m x 0,60 m com duas plantas por cova.

E – Espaçamento de 1,00 m x 0,70 m com duas plantas por cova.

O número de plantas, na parcela, foi de 42, 30, 24, 40 e 36, respectivamente nos tratamentos A, B, C, D, e E.

O cultivar empregado foi o "Chifre de Veado". Foi utilizada adubação mineral uniforme, nas seguintes proporções por metro linear: salitre-do-chile 80 g, superfosfato simples 180 g, cloreto de potássio 70 g e esterco de curral 10 kg/m linear.

A precipitação pluviométrica e as temperaturas máximas e mínimas ocorridas durante a realização do teste encontram-se no quadro 1.

Foram efetuadas 30 colheitas durante a realização do ensaio.

Resultados – Os resultados obtidos encontram-se no quadro 2.

O tratamento A superou o tratamento E em 2.530 kg/ha, isto é, aproximadamente 140 caixas de 18 kg.

Os dados mostraram uma tendência ao aumento da produção por planta, em peso e número de frutos, como também,

* Trabalho apresentado na XIV^a Reunião Anual da Sociedade de Olericultura do Brasil, Santa Maria – RS., 08 a 13-07-74.

** Eng.º Agr.º – M.S. da Seção de Horticultura do IPEACS – EMBRAPA. Rio de Janeiro.

Influência do espaçamento e densidade de plantio na produtividade do QUIABEIRO (*Hibiscus esculentus* L.)*

Nilton Rocha Leal **

com relação ao peso médio, à medida que se aumentou o espaçamento e se manteve uma planta por cova.

A produção por área obtida no presente trabalho, é bastante expressiva para o tipo de solo utilizado.

Os resultados obtidos constituem os

primeiros subsídios relativamente ao estudo de espaçamentos e densidade de plantio na região grande produtora de quiabo, do Rio de Janeiro. Novos estudos são necessários para um perfeito esclarecimento a respeito do sistema mais adequado de plantio desta olerícola.

QUADRO 1 – Precipitação pluviométrica e temperaturas.

Precipitação (mm)	Temperatura C°			
	Máxima	Média das máximas	Mínima	Média das mínimas
900,3	40,1	36,6	12,0	16,7

QUADRO 2 – Produção por hectare, por planta e peso médio do fruto.

Tratamento	Produção de frutos/ha		Produção média/planta		Peso médio g
	kg	Nº (em 1000)	g	Nº	
A	9.264	608,0	277,9	18,3	15,2
B	8.664	559,5	363,9	23,5	15,5
C	7.698	475,4	404,1	25,0	16,2
D	7.796	526,2	245,6	16,7	14,8
E	6.734	508,0	251,6	17,8	13,3
C.V. %	24,0	23,0	27,0	24,6	4,5



Prof. BERNHARD GRZINIEK

SOS natureza

“A única possibilidade de salvar a nossa terra, os animais e a nós próprios consiste em declarar determinadas regiões tabu para colonização. Essa necessidade já foi reconhecida por alguns estadistas africanos. Há poucas semanas, Dr. Julius Nyerere, Presidente da Tanzânia falou-me nos seguintes termos: “Não se pode censurar os europeus e os americanos por terem depredado, contaminado e parcialmente destruído os seus respectivos continentes, pois antes eles não sabiam proceder melhor. Mas teríamos que ser censurados nós — negros, se repetíssemos um desenvolvimento errado igual, pois presenciávamos a destruição dos outros continentes”.

O resultado deste e dos outros auto-reconhecimentos do africanismo: Tanzânia gasta hoje oito vezes mais com a conservação da Natureza do que os Estados Unidos (proporcionalmente ao produto nacional bruto).

Zâmbia colocou sob a proteção integral 16% da sua superfície.

O Presidente Mobutu do Congo (Zaire) declarou recentemente: “Há certas vantagens de sermos “subdesenvolvidos”. Não cometemos erros deplorados agora por

alguns países chamados “desenvolvidos”. Não nos envergonhamos por não podermos mostrar aos nossos visitantes catedrais ou monumentos históricos; pois o legado dos nossos antepassados é constituído pelas belezas naturais do nosso país, pelos nossos cursos d’água, rios, florestas virgens, insetos, animais, lagos, vulcões, montanhas e planícies”.

O Presidente Mobutu criou, além dos já existentes, mais quatro Parques Nacionais (um é maior do que a Bélgica).

Realmente gostaria eu que neste mais recente domínio da cultura humana — domínio da conservação da Natureza — pelo menos um ou outro dos ministros e políticos nossos alcançasse o mesmo grau de formação e conscientização de alguns estadistas africanos”.

Traduzido de “Zum Aussterben verurteilt” da revista “Quick” (München), n.º 19, de 3 de maio de 1973, por ROBERTO TAMARA, do Instituto de Conservação da Natureza da Guanabara.

desenvolvimento da **MARICULTURA** na guanabara

JOÃO BUCHAUL

Presidente do Grupo de Trabalho para a implantação de um Plano Piloto sobre cultivo de camarões e ostras na Fazenda Modelo de Guaratiba.

Chefe do Serviço de Engenharia Rural – Divisão Técnica
Departamento de Agricultura – S A G – GB

O levantamento com fotos aéreas que confirmou a viabilidade do projeto deve-se à valiosa colaboração do engenheiro Celso Lorenzoni, da equipe do Serviço de Engenharia Rural.

Fazenda Modelo de Guaratiba, da Secretaria de Abastecimento e Agricultura do Estado da Guanabara -- Base física para a Implantação do Plano Piloto sobre cultivo de camarões e ostras, com o aproveitamento das suas extensas baixadas, grande parte das quais apresenta nível inferior em relação às marés que ocorrem na Baía de Sepetiba.





O Grupo de Trabalho já conta com a colaboração do Professor Olintho da Silva renomado cientista com as maiores credenciais em Maricultura, e o Estado também contratou quatro jovens profissionais que tudo tem feito no sentido de se aprimorarem no assunto. São eles os biólogos José Luiz Lima de Souza e Carmen Lucia da Silveira, o engenheiro agrônomo Orlene de Souza Castro e o veterinário Alcides Marinho Junior.

Conscientização do projeto

A Lavoura, edição correspondente aos meses de janeiro e fevereiro de 1974, divulga a primeira notícia

e enumera as razões que justificam o projeto para a construção do laboratório experimental de criação de camarões, em cativeiro, nos terrenos da Fazenda Modelo de Guaratiba, órgão estadual da Secretaria de Abastecimento e Agricultura da Guanabara. O titular desta Secretaria, Engenheiro Agrônomo Edmundo Campello Costa estabeleceu as bases e muito tem se empenhado pela conclusão desse empreendimento, certamente sensibilizado pelos promissores resultados já alcançados nos países mais desenvolvidos, onde, apesar de não ocorrer simultaneidade de condições tão propícias quanto às nossas, existem muitas fazendas já explorando, com sucesso, a criação de camarões.

Fazenda Modelo de Guaratiba

A esquerda: parte das construções da Fazenda Modelo

Ao centro: rodovia BR-101, Rio-Santos, que garante fácil acesso a todos os interessados, graças, inclusive, às numerosas viagens de ônibus que partem do aeroporto Santos Dumont.

A direita: Laboratório de Maricultura, em fase adiantada de construção.



O futuro é promissor

Tratando-se de um produto nobre, disputado pelo mercado interno e capaz de proporcionar surpreendente receita, cada vez maior, através das nossas exportações, justifica-se que, após a acima mencionada divulgação, pela A LAVOURA, o Serviço de Engenharia Rural tenha sido insistentemente solicitado, quase que diariamente, para maiores esclarecimentos e detalhes. Eram estudantes, amadores, biólogos, proprietários de terrenos marinhos, de salinas, e principalmente representantes de grandes grupos econômicos interessados em proceder a vultuosos investimentos, tendo em vista os incentivos fiscais a

eles atribuídos. Foram, então, severamente advertidos de que o dispêndio de grandes capitais em obras executadas sem o necessário lastro técnico e estudos meticulosos poderia resultar em insucessos, de repercussão negativa para o futuro, tão próximo e promissor, das atividades ligadas à maricultura no Brasil.

As condições locais são importantes

É opinião unânime de todos os conhecedores do assunto que a técnica a ser seguida na criação de camarões depende fundamentalmente das condições que forem constatadas no local. Nível das terras, regi-

Fazenda Modelo de Guaratiba: A vista aérea demonstra a magnitude do "campus" onde se efetuarão as pesquisas para a criação de camarões, em cativeiro, com o aproveitamento dos canais onde circulam as águas ricas de plancton da Baía de Sepetiba, sujeitas aos fluxos e refluxos das marés.



Fazenda Modelo de Guaratiba. O laboratório no término de sua alvenaria.

me das marés, ventos dominantes, luminosidade, incidência de predadores ou invasores, temperatura, aeração, salinidade, grau de poluição e principalmente riqueza de plancton das águas podem estabelecer a viabilidade e as especificações de cada projeto.

Baía de Sepetiba

Beneficiando terras dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro a propalada riqueza em plancton de suas águas tem sido constantemente confirmada. A proteção dessa riqueza assim como o seu racional aproveitamento serão alguns dos encargos do futuro laboratório da Fazenda Modelo, que propiciará condi-

ções para o desenvolvimento na região de empresas capacitadas na criação de camarões com alto rendimento e baixo custo.

As larvas serão produzidas em laboratório

Grande parte das margens da Baía de Sepetiba são pantanosas, sem a possibilidade de especulações imobiliárias, porém com valas ou canais beneficiados pelos fluxos e refluxos das marés. Poderão ter um aproveitamento altamente auspicioso desde que sejam povoadas com larvas de camarões provenientes do laboratório estadual ou de empresas particulares que queiram se dedicar



a estas atividades. Exemplo pioneiro está sendo proporcionado pela Cia. Souza Cruz, que já construiu o seu laboratório, também à margem da Baía de Sepetiba, distando alguns quilômetros do laboratório da Fazenda Modelo.

As empresas americanas são rentáveis

Neste interim, faz-se oportuno lembrar que no Sul dos Estados Unidos, no litoral do Golfo do México as atividades de maricultura mais se intensificam, apesar das desanimadoras injunções decorrentes dos frequentes e terríveis maremotos, responsáveis pelo encarecimento dos projetos, ao impedirem o aproveitamento de certas condições que, aqui nos são ofertadas, sem maiores onus, pela natureza na Baía de Sepetiba.

Na Flórida, estagiamos em uma dessas pequenas empresas particulares e verificamos a sua alta rentabilidade, dedicando-se à produção e comércio de larvas de camarões de água doce.

Fazenda Modelo de Guaratiba. Vista aérea mostrando o início das escavações, agora procedidas celeremente, destinadas aos canais de recepção das "post larvas" que serão produzidas no laboratório.

Fazenda Modelo de Guaratiba: Vista aérea mostrando o pouco conhecido rio Piracão. Dele partirá um ramo que abastecerá os canais de criação do projeto piloto. Estes também receberão águas ricas da Baía de Sepetiba por um outro canal direto. A influência das marés se fará sentir por ambos os lados determinando, com o encontro das águas na zona de criação, maior aeração para a mesma. Aqui as enfermidades dos camarões não terão campo propício para o seu desenvolvimento pois são causadas, quase sempre, pelos problemas decorrentes da alta densidade, alimentos não apropriados e condições ambientais não adequadas que mui frequentemente se encontram nos cultivos experimentais.



Laboratório pioneiro construído pela Cia. Souza Cruz, também à margem da Baía de Sepetiba, distante alguns quilômetros do projeto piloto estadual.



citricultura na região de FRUTAL

Engenheiros Agrônomos José Henrique Vieira (de boné) e Levy Palhares de Santana (Coordenador Local da ACAR), observando a infestação do Ácaro da Ferrugem.

I – INTRODUÇÃO:

A cultura da laranja e a do abacaxi são, atualmente, as principais atividades frutíferas da região de Frutal.

O abacaxi, principalmente a variedade *Pérola*, já ocupou, até 1972, posição de destaque na economia agrícola Frutalense, colocando-se entre as principais fontes de divisas para o município. Contudo, nos últimos três anos, vem perdendo a importância, em relação a outras explorações em virtude da comercialização ineficiente do produto por ocasião da safra abundante.

Segundo estudos realizados no ano de 1972 em termos de aptidão ecológica e possibilidades de mercado, a laranja foi uma nova opção na diversificação da lavoura como futura grande fonte de renda aos fazendeiros da respectiva área.

II – OBJETIVOS:

Os objetivos específicos do presente estudo são:

- Plantio da laranja nos últimos dois anos e perspectivas para 1975.
- Nível tecnológico utilizado na implantação.
- Investimentos feitos na fase de implantação do pomar.

III – MATERIAL E MÉTODO:

O presente trabalho foi baseado no seguinte:

a) Utilização de técnicas já comprovadas no Estado de S. Paulo.

b) Anotações realizadas na ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural) visto ser o único órgão responsável pela elaboração dos projetos de Fruticultura e Assistência Técnica ao nível do produtor rural.

c) Informações coletadas a partir de observações nos pomares recentemente implantados, na firma especializada em plantio de laranja, dirigida pelo técnico agrícola Romulo Martins.

d) Preço de insumos em Frutal.

IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO:

1) *Plantio de laranja nos dois últimos anos e perspectivas para 1975:*

PLANTIO DE LARANJA EM 1973 E 1974 EM ÁREA E NÚMERO DE PÉS COM PREVISÃO PARA 1975:

ANOS	ÁREA PLANTADA – HA	N.º DE PÉS
1973	1.150	287.500
1974	1.300	325.000
1975	2.000	500.000
TOTAL	4.450	1.112.500

O Plantio de citros, relativamente intenso que se tem verificado em Frutal a partir de 1973 é sem dúvida o resultado de suas excelentes condições edáficas, climáticas, técnicas, creditícias e a baixa valorização das terras em relação as zonas citrícolas do Estado de São Paulo.

Outro fator que muito contribuiu foi a localização da área, próxima de Barretos (Fazenda Guanabara) onde será implantada uma fábrica de extração de sucos em futuro próximo a qual poderá consumir a sua produção. Além disso há excelentes condições de transportes para o escoamento de parte da produção para os principais centros consumidores de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até que a indústria prevista para a região venha a ser instalada.



Pomar de 15 meses, desenvolvendo nos piores campos de Frutal



Orientação Técnica do Engenheiro Agrônomo Levy Palhares de Santana (de pé) no plantio da muda. Com auxílio de uma tábua, o plantador consegue plantar as mudas a uma mesma altura.

A área plantada e a prevista seria maior caso não tivesse havido impacto na comercialização da laranja de São Paulo na safra de 1974.

2) Nível tecnológico utilizado:

A tecnologia utilizada na implantação dos pomares na área de Frutal é bastante elevada em se comparando com outras regiões onde a cultura vem sendo explorada há vários anos.

As mudas utilizadas são de alta qualidade, o que irá permitir ao fruticultor uma alta produção no futuro. São todas formadas com borbulhas de clones nucleares e isentas de viroses, o porta-enxerto empregado até o presente momento é o *limão-cravo*, em virtude das múltiplas características favoráveis que apresenta. Além disso, são seguidas corretamente todas as práticas culturais e fitossanitárias imprescindíveis à formação de mudas de padrão elevado.

O plantio tem sido realizado durante o ano todo, porém o que deu melhor resultado quanto ao desenvolvimento inicial das plantas foi o da época mais fria do ano (maio-junho-julho).

A muda é plantada de tal forma que as primeiras raízes ou superfícies do torrão fiquem acima do nível do solo, com o fito de evitar o ataque de gomose.

No interplântio tem sido usada a soja da variedade IAC-2 com rendimento sufi-



Sulcamento para o plantio de laranja

cientista para reduzir o custo de formação dos pomares além de melhorar, principalmente, as características de fertilidade dos solos que são relativamente pobres em elementos nutritivos. Contudo são profundos, isentos de pragas de difícil controle, secos, levemente inclinados e porosos, ideais ao desenvolvimento da citricultura.

A densidade dos pomares gira em torno de 250 plantas por hectare no espaçamento de cinco metros entre plantas por oito metros entre fileiras.

Em cem por cento dos pomares em formação constata-se o uso de adubação segundo as exigências do solo observadas em análises realizadas nos laboratórios de Lavras, Viçosa e do Estado de São Paulo. Normalmente são utilizados nesta fase os corretivos e os fertilizantes químicos ricos em fósforo a razão de um quilo de calcário, meio quilo de fosfato do arxá e meio quilo de superfosfato simples por cova.

Além do fornecimento dos macro nutrientes são feitas, segundo épocas próprias, aplicações dos microelementos em pulverizações em virtude das plantas apresentarem sintomas de deficiência logo no primeiro ano, principalmente de Zinco e Manganês.

A adubação orgânica no plantio não tem sido usada, pois ainda não se sabe ao certo a eficiência da sua utilização segundo dados dos pesquisadores.

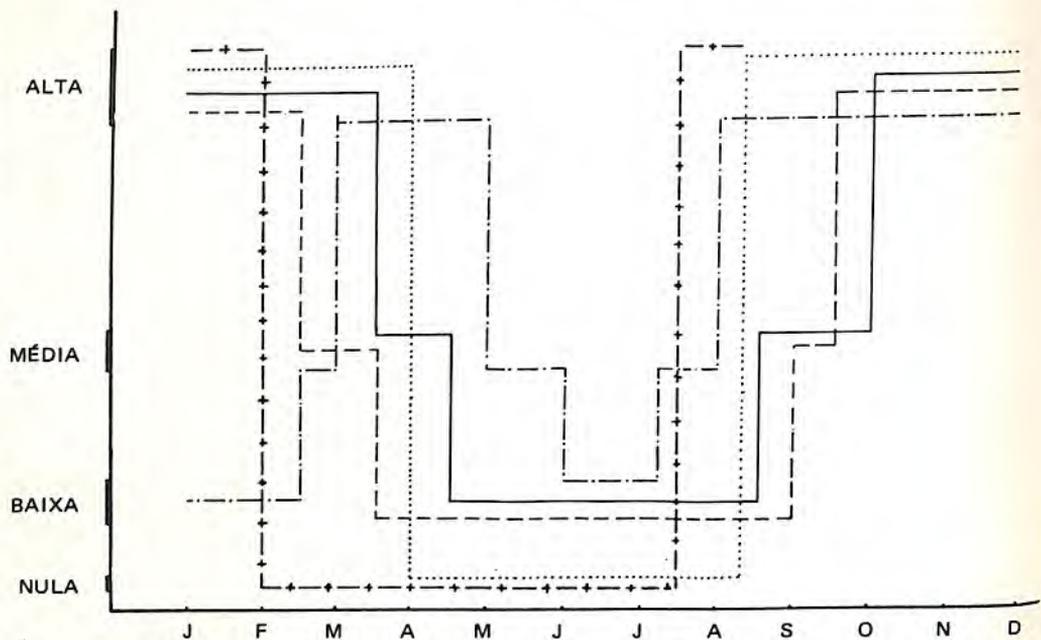
As pragas e doenças apresentam incidência relativamente alta em virtude das condições climáticas favoráveis. O seu controle é feito segundo observações pe-

ródicas realizadas nos pomares por pessoas orientadas pelos técnicos da ACAR, com o emprego dos inseticidas e fungicidas específicos.

Com a finalidade de melhor orientar a época do controle fitossanitário, conse-

guiu-se nestes dois últimos anos depois de muito estudo e observações nos pomares recém-formados e caseiros, esboçar um gráfico que indique a incidência das principais pragas e doenças com as respectivas épocas de ocorrência.

ÉPOCA DE OCORRÊNCIA DAS PRINCIPAIS PRAGAS E MOLÉSTIAS DOS CITROS



LEGENDA

— Ácaro da Ferrugem
 - - - Cochonilha

..... Melanose
 - + - + - + - Verrugose

MESES DO ANO

Empregados plantando laranja



SÓ É CALVO QUEM QUER !



Use Piloênio para as doenças do cabelo, do couro cabeludo e da barba, use-o sempre.



PILOGÊNIO

ÀS PESSOAS IDOSAS OU NÃO

encontram o medicamento eficaz para os males da bexiga, rins, próstata e uretra



UROFORMINA

Granulado, efervescente, de agradável sabor.

PRODUTOS GIFFONI

Finalmente podemos afirmar que todas as técnicas até então conhecidas, indispensáveis ao bom desenvolvimento das plantas cítricas estão sendo corretamente seguidas, o que nos leva a crer que o citricultor só poderá ter rendimento alto na época da colheita e uma fruta que satisfaça as exigências do mercado.

– INVESTIMENTOS FEITOS NA FASE DE IMPLANTAÇÃO DO POMAR:

Com base nos dados obtidos em 1973, foi calculado o custo para um hectare de citros no primeiro ano de implantação baseando-se nos fatores *Mão-de-Obra* e *Insumos Modernos* necessários à cultura.

QUADRO 2 – INSUMOS (A)

ESPECIFICAÇÃO	UNID.	QUANT.	PREÇO Cr\$	VALOR P/HA
Mudas	n.º	250	10,00	2.500,00
Calcário	ton	2,25	140,00	315,00
Superfosfato simples	ton	0,125	1.450,00	181,00
Fosfato do araxá	ton	0,125	270,00	46,25
Sulfato de amonio	ton	0,125	2.000,00	250,00
Microelementos (Zn, Mn, B)	kg	6,6	5,33	35,20
Aldrin 5%	kg	5	2,20	11,00
Formicida granulado	kg	2	13,00	26,00
Defensivos	ls	1,4	12,56	17,58
Defensivos	kg	2,75	10,82	29,75
Espalhante adesivo	ls	1	10,00	10,00
SUB TOTAL	–	–	–	3.422,03

QUADRO 3 – MÃO-DE-OBRA (B)

ESPECIFICAÇÃO	UNID.	QUANT.	PREÇO	VALOR P/HA
Desmatamento	H/T	8	80,00	640,00
Aração (1)	H/T	3	30,00	90,00
Gradagens (2)	H/T	3	30,00	90,00
Cata raízes	D/H	10	20,00	200,00
Distribuição calcário	H/T	1,5	30,00	45,00
Demarcação das ruas e carreadores	D/H	0,5	20,00	10,00
Abertura dos sulcos	H/T	0,8	30,00	24,00
Demarcação das covas	D/H	0,5	20,00	10,00
Conservação do solo	H/T	3,8	30,00	114,00
Aplicação de corretivos e fertilizantes	D/H	0,5	20,00	10,00
Mistura de corretivos e fertilizantes	D/H	0,5	20,00	10,00
Plantio das mudas	D/H	1,67	20,00	33,40
Coroamento	D/H	1,67	20,00	33,40
Irrigações (4)	D/H	2	20,00	40,00
Irrigações (4)	H/T	8	30,00	240,00
Replanteio (5%)	D/H	0,16	20,00	3,20
Pulverizações + aplicação de Microelementos	D/H	4,5	20,00	90,00
Adubação de cobertura (3)	D/H	1,5	20,00	30,00
Carpas mecânicas (2)	H/T	2,55	30,00	76,50
Carpas manuais (2)	D/H	6	20,00	120,00
Transporte local de insumos e equipamentos	D/H	7	20,00	140,00
SUB TOTAL	–	–	–	2.049,50
TOTAL A+B	–	–	–	5.471,53

H/T – Hora trator

D/H – Dia Homem

São Pedro dos Ferros capital do Zebu Leiteiro

Venha conhecer os rebanhos zebuínos que lideram as estatísticas mundiais.



LAMINA, RE, LM, uma das reprodutoras da

ESTANCIA KANKREJ José Resende Peres



PRATINHA, RE, LM, da raça Gir, com 5.749 em 365 dias, uma das vacas do famoso plantel da

FAZENDA BRASÍLIA Rubens Resende Peres

Estamos a 3,30 horas de Belo Horizonte, via Ouro Preto-Ponte Nova-Rio Casca.

Reparta conosco o sucesso, injetando rusticidade e alta produção de leite em seu rebanho leiteiro, a um só tempo!

E venha ver as maravilhosas novilhas Holando-Zebus - sinônimo de leite a mais baixo custo. Amochadas, vacinadas contra brucelose, aftosa e carbúnculo sintomático.

Informações no Rio:
Rua Marquês de Abrantes, 11 – Ap. 501
ZC-01 – Tel.: 252-5529 – 265-3654

Verifica-se que dentre os dois fatores utilizados nesta fase, os *Insumos Modernos* são os que apresentam maior gasto por hectare considerando-se as mudas ao preço unitário de Cr\$ 10,00 originárias do Estado de São Paulo. Porém existem bons viveiristas formando mudas de laranja na região que provavelmente irá reduzir o seu custo.

O uso de máquinas bem como os serviços manuais são bastante expressivos, também, na fase de implantação do pomar.

V – CONCLUSÕES:

1) A citricultura em Frutal vem apresentando um período de ascensão, graças as condições favoráveis ao seu desenvolvimento, quais sejam: solo, clima, tecnologia, crédito e possibilidade de comercialização.

2) O plantio de laranja na região foi de 287.500 pés em 1973, 325.000 pés em 1974 com previsão de 500.000 pés para 1975.

3) A dificuldade na comercialização da laranja no Estado de São Paulo causou notável desestímulo a citricultura de Frutal.

4) O padrão tecnológico utilizado pelos citricultores frutalenses é elevado, o que poderá trazer resultados satisfatórios no futuro.

5) Pelo gráfico torna-se mais fácil ao agricultor e ao próprio técnico verificar o início da incidência das pragas e moléstias nos pomares cítricos.

6) O custo por hectare baseado nos preços atuais de insumos modernos é de Cr\$ 3.422,03 e o de Mão-de-Obra Cr\$ 2.049,50, totalizando Cr\$ 5.471,53.

VI – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1) SIMÃO, S. 1971 – Manual de Fruticultura – Editora Agronômica Ceres – 530 p.p.

2) ERUZ, L.S.P., RODRIGUEZ, O. IGUE, T. Efeito de Adubação Orgânica Comparada com Adubação Mineral na Formação de um Pomar Cítrico, Ciência e Cultura, São Paulo 1969.

3) MONTENEGRO, H.W.S. Curso Avançado de Citricultura. Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1958.

Frutal, 23 de agosto de 1974.

Eng^o Agr^o Levy Palhares de Santana



Alinhamento do pomar, assistido pelo Eng.^o Agr.^o Levy Palhares de Santana

Solo que está sendo preparado para o plantio de laranja



MARBAS – Sociedade Comercial Avícola Ltda.

Avicultura — Agricultura — Pecuária —
Piscicultura — Cunicultura — Veterinária —
Horticultura — Pássaros — Animais Silvestres — Cerâmica em geral —
Artefatos de ferro — Artigos para cães — Plásticos e todos os artigos concernentes ao ramo

MARBAS

ENG. NOVO

Rua Barão de Bcm
Retiro, 47
Tel.: 261-6154

MÉIER

Rua 24 de Malo,
1309
Tel.: 281-5419

Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Brasil

Livros e Publicações

Sylvia Maria da Franca

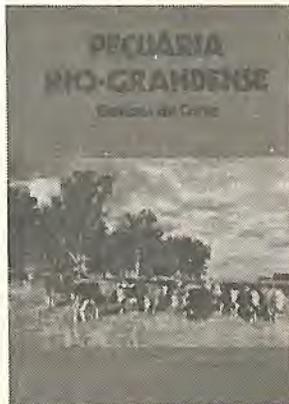
Resumo com Apreciação



FABICHAK, Irineu — *Criação de rãs* (ranicultura) 3a. ed. rev. e ampl. São Paulo, Nobel, 1973. 44 p. ilustr. (Biblioteca rural).

Quase nada existe nos dias atuais que seja de grande vulto e conhecimento sobre a ranicultura, porém há maior interesse para alimentação, aproveitamento da pele ou fins científicos.

Dá informações sobre metamorfose, espécies, ranários, e tudo que se refere ao estudo deste animal anfíbio da ordem dos batráquios. — "BOM TRABALHO"



FETTER, Emar — *Pecuária rio-grandense, bovinos de corte*. Porto Alegre, s. ed., 1974. 150 p. ilustr.

Obra atualizada sobre o desenvolvimento da bovinocultura de corte. Os ruralistas, encontrarão indicações valiosas e até imprescindíveis para a exploração pastoril, aplicadas as pesquisas zootécnicas realizadas no país e no exterior, as quais demonstram as grandes possibilidades que existem para a elevação da produtividade do rebanho bovino.

Serve de orientação aos produtores para o desenvolvimento da bovinocultura brasileira, aprimorando os estudos econômicos, instituindo um sistema de crédito rural mais liberal e flexível na criação de melhores horizontes de comercialização da carne. "BOM TRABALHO"



FLECHTMANN, Carlos Holger Wenzel — *Ácaros de importância médico-veterinária*. São Paulo, Nobel, 1973. 192 p. ilustr. (Biblioteca rural).

Destaca informações referentes a biologia e controle de ácaros parasitos de importância médica e veterinária.

A presença dos ácaros tem-se evidenciado cada vez mais, justificando uma ampla revisão do assunto. "BOM TRABALHO"



SANTOS, Jefferson Andrade dos & MELLO, Mário Rubens de — *Diagnóstico médico-veterinário: colheita de material*. São Paulo, Nobel, 1974. 196 p. ilustr. (Biblioteca rural).

Apresenta desde os detalhes da contensão animal até as técnicas mais especializadas de colheita de material, dando aos que o manuseiam uma orientação precisa e muito valiosa.

Possui uma riqueza de detalhes, inclusive ilustrados, sobre técnicas de necropsias nos animais domésticos, bem como o instrumental necessário, o que sem dúvida complementa os textos, que abordam a matéria gradativamente e de maneira concisa. "ÓTIMO TRABALHO"



VIANNA, A. Teixeira — *Os suínos: criação prática e econômica*. 4 ed. São Paulo, Nobel, 1974. 386 p. ilustr. (Biblioteca rural, 6).

Obra completa, atualizada e aumentada em sua quarta edição, contribuindo fortemente para a modernização da suinocultura brasileira.

Possui dados históricos e econômicos do porco doméstico na antiguidade, na América e na pecuária nacional.

Elucida as vantagens da criação e a formação de pastagens, como influência na alimentação dos suínos.

Dá a classificação das raças, organização dos planteis, métodos de reprodução, aleitamento e desmama.

Orienta o criador em caracter geral e prático, sobre a profilaxia e o tratamento de certas doenças dos suínos.

Complementa a obra uma extensa bibliografia. "EXCELENTE TRABALHO"

ASTENIA SEXUAL

Voronoff revolucionou a Medicina demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e de vigor sexual. Chamamos a atenção da classe médica para a fórmula de TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais.

NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS
OU PELO REEMBOLSO — CATXA
POSTAL 24.039 — TIJUCA-RIO

Tosse?
XAROPE
MUSSAMBÊ
eficaz e seguro

Novas chances para controle de doenças das CULTURAS PERENES TROPICAIS

JERALD E. WHEELER (a)
EDNA DORA M. NEWMAN (b)



INTRODUÇÃO

As culturas perenes figuram entre as áreas mais intensivas e de maior importância econômica da agricultura brasileira. Seu produto é utilizado tanto para consumo local, como para mercado interno e externo, destacando-se: abacate, banana, cacau, café, caju, Citrus, goiaba, manga, mangaba, mamão, maracujá, sapoti, pinha, seringueira etc. Todas estas culturas têm como pontos em comum, os altos custos de fundação, a longa demora para se alcançar a produção efetiva e os intensivos tratos culturais, que as tornam altamente dispendiosas. Um dos maiores riscos que revestem estas culturas são as doenças.

Durante os últimos anos, a descoberta de fungicidas sistêmicos de alta efetividade, complementada com avançadas técnicas de aplicação, tem apresentado novas possibilidades para o controle de doenças de plantas sob as condições tropicais, onde as precipitações pluviométricas são intensas e constantes.

Este artigo tem como objetivo ajudar na elucidação das vantagens em potencial dos fungicidas sistêmicos e dos novos métodos de aplicação.

FUNGICIDAS SISTÊMICOS

A partir da primeira referência sobre fungicidas sistêmicos em 1956 (6), muitos outros novos e eficientes fungicidas sistêmicos têm sido fabricados, especialmente no decorrer dos últimos 8 anos (2). Estes fungicidas apresentam novas oportunidades para controle das doenças das plantas nas regiões tropicais. Muitos deles, estão relacionados na Tabela 1 e têm sido previamente ressaltados (8), tendo grande potencial porque:

1 — Após terem sido aplicados nas plantas eles não podem ser lixiviados, o que possibilita o uso de dosagens mais baixas;

2 — Não é essencial uma aplicação uniforme devido a seu usual movimento para cima, a partir dos pontos de aplicação;

3 — Têm relativamente largo espectro e servem como controle adequado para patógenos, até o momento, de difícil controle;

4 — Geralmente têm baixa toxicidade para os mamíferos;

5 — São compatíveis com muitos outros pesticidas;

6 — Podem permanecer na planta como preventivos por 10 dias ou mais;

7 — A aplicação de dosagens menores, em reduzidos números de tratamentos, diminuem a poluição ambiente.

a) Fitopatologista — Ph.D. — EMBRAPA/UNIVERSIDADE WISCONSIN

b) Fitopatologista — EMBRAPA/Instituto de Pesquisa Agropecuária do Nordeste.



TÉCNICAS DE APLICAÇÃO

As doenças das árvores tropicais que são causadas por fungos, podem ser classificadas como doenças de "seedlings", podridão das raízes, murchas vasculares, doenças do caule, das folhas e dos frutos. As mais importantes doenças, com exceção das doenças de sementeira, estão relacionadas na Tabela II.

As doenças de sementeira, usualmente, podem ser controladas economicamente pelos fungicidas convencionais não sistêmicos como por exemplo os mercuriais; ou mistura de fungicidas sistêmicos e não sistêmicos como Terrazole (R)* e Pentacloronitrobenzeno (Terraclor Super X) (R), Ou Vitavax (R) e Thiram (R). Doenças de sementeiras não parecem apresentar problemas de difícil solução nos trópicos e portanto, não serão consideradas em detalhe nesta discussão.

PODRIDÕES DA RAIZ

A aplicação de fungicidas no controle das podridões da raiz, consiste na mistura de fungicidas ao solo, irrigação do solo com fungicidas e na injeção de fungicidas sob pressão no interior do solo ao redor da zona das raízes.

* (R) = Marca Registrada.

Embora, a mistura de fungicidas no solo, tenha dado bons resultados para algumas culturas de sistema radicular superficial, geralmente não é prática para árvores de sistema radicular profundo por causa do tempo e trabalho requeridos para obter sua distribuição, e dos danos simultâneos do sistema radicular.

Comportamento análogo tem se verificado com o uso da embebição de fungicidas no solo. Efeitos satisfatórios foram obtidos para plantas de sistema radicular superficial e plantas em vaso, porém esta prática é menos efetiva para árvores de sistema radicular profundo. Geralmente, solos pesados, com alto teor de argila e matéria orgânica, impedem a penetração profunda dos fungicidas. Alternativamente o embebição é mais efetivo nos solos arenosos ou com a adição de agentes espalhantes adesivos os quais são conhecidos pela capacidade de melhorar a penetração (2), podendo ser usado com vantagem para assegurar o controle. Entretanto, em muitos casos, embebição para controle de doenças em árvores de sistema radicular profundo, parece impraticável, por causa da elevada quantidade de químicos requerida, da alta quantidade de água necessária para facilitar a penetração profunda, e da extrema variabilidade de tipos de solo.

Tem-se obtido sucesso no controle de podridão das raízes de plantas com sistema radicular profundo por injeção de fungicidas sistêmicos no solo. (Injeções de fungicidas não sistêmicos poderão também em muitos casos fornecer melhores resultados que a embebição ou mistura de fungicidas no solo). A vantagem reside na colocação de fungicidas por toda a zona radicular, onde ele possa ser prontamente absorvido, independente do tipo de solo e disponibilidade de água. Um exemplo do valor desta técnica é ilustrado considerando-se uma doença, a Podridão das Raízes do Texas (Texas Root). O fungo *Phymatotrichum omnivorum*, agente desta doença é conhecido por atacar raízes de pecan, amêndoa, damasco e pêssego até a profundidade de 4 metros. O controle efetivo desta doença foi conseguido com injeções de formulação a 50% de pó molhável do fungicida sistêmico Benlate (R) no solo a uma pressão de 200 libras por polegada quadrada e a uma concentração de um grama por litro de água. Árvores mostrando princípio de murcha e sintomas típicos do ataque do fungo, recuperam-se um mês após o tratamento e readquirem cor e vigor normais (1).

MURCHA VASCULAR

A murcha vascular tem sido um dos tipos de doença de mais difícil controle usando-se fungicidas. Entretanto, a aplicação de fungicidas sistêmicos no solo tem mostrado alguns resultados positivos. Recentemente desenvolveram-se técnicas de injeção direta que têm mostrado um po-

tencial considerável e vantagens como: a certeza da apreensão de toda a dosagem prescrita (o que acarreta diminuição na quantidade de fungicida aplicada pois elimina a porção desperdiçada); alto controle de localização e portanto do movimento subsequente, aplicação possível em quase todas as condições de ambiente.

Os métodos recentes de aplicação de fungicidas em árvores incluem: a inserção de cápsulas ou cartuchos, pistola injetora, empregando o tipo adequado de agulha e um dispositivo capaz de gerar pressão (3), e injeções contínuas, utilizando um reservatório externo conectado a uma agulha inserida no tecido da planta (7). No último caso, a solução poderá penetrar no tecido da árvore por pressão e/ou impulsionada pelo fluxo da transpiração.

A técnica de inserção tem a vantagem de não requerer equipamento aperfeiçoado (usualmente é suficiente uma broca ou outro dispositivo para perfurar) e proporcionar liberação lenta do fungicida, dependendo do tipo de cápsula empregado e da formulação química.

A injeção que utiliza um reservatório tem a vantagem de proporcionar aplicações contínuas durante um longo período de tempo, porém tem a desvantagem de requerer uma aparelhagem mais complexa que pode dificultar outras operações.

Estão sendo desenvolvidas, atualmente, no laboratório de Fitopatologia do Instituto de Pesquisa Agropecuária do Nordeste/EMBRAPA, experimentos visando encontrar um controle econômico para o mal do Panamá, causado pelo organismo da murcha vascular *Fusarium oxysporum* f. *cubense*. A grande percentagem de variedades suscetíveis que se cultivam no Brasil, unida às notícias de uma nova raça virulenta de *F. oxysporum* em Taiwan atacando variedades Cavendish, (comunicação oficial de Richard Edgerton, Castle & Cook Co., San Francisco, Califórnia), serviram de impulso para o desenvolvimento desta pesquisa.

Injeções de fungicidas sistêmicos de conhecida atividade contra o organismo causal desta doença têm sido feitas no interior de rizomas de plantas doentes e sadias, visando testar a potencialidade terapêutica dos mesmos. As questões chaves a serem respondidas são: dosagem requerida, persistência e movimento dos fungicidas no interior das plantas (raízes, pseudocaule e folhas) e das novas brotações. Adicionalmente, serão conduzidos testes com a finalidade de testar a eficiência comparativa entre as técnicas de inserção e as injeções.

Pesquisas anteriores (2,3) têm revelado que o movimento de fungicidas sistêmicos nas plantas pode ser alterado usando-se vários solventes e agentes espalhantes adesivos.

Estas descobertas apresentam ao pesquisador grande amplitude nas tentativas de regular o movimento, persistência e dosagem dos fungicidas necessários a prover um controle prolongado e econômico.

DOENÇAS AFETANDO TRONCO, RAMOS, FOLHAGEM E FRUTOS

Os fungicidas sistêmicos têm demonstrado ser efetivos no controle de doenças afetando estas quatro partes das plantas quando usados sob forma de pulverização, em consequência da sua habilidade de penetrar nos tecidos (2). No entanto, técnicas de inserção e injeção podem oferecer igual efetividade e teriam muitas das vantagens citadas na seção anterior. Quando há um grande entrelaçamento de ramos com grande quantidade de superfícies foliares, uma distribuição mais uniforme poderá ser obtida utilizando-se menos material.

Doenças tais como a Gomose dos Citrus, causada por *Phytophthora spp.*, e o Cancro de árvores frutíferas e nogueiras causado por *Cytospora* apresentam problemas específicos devido à necessidade de uma longa proteção e predisposição devido à injúrias mecânicas e queimaduras do sol. Tentativas de controle destas doenças têm sido a remoção da casca das árvores infectadas seguida pelo pincelamento com pastas de fungicidas.

Em muitos casos quando há fortes chuvas, a película protetora é lavada, facilitando novas infecções. A prevenção e o controle destes problemas podem ser melhorados pelo uso de sistêmicos, e pela mistura de fungicidas com várias diluições de tinta a base de látex para impedir a remoção (4). As tintas a base de látex são recomendadas pela sua baixa fitotoxicidade.

No caso da Gomose dos Citrus, o novo fungicida sistêmico DOWCO 269 (R) poderá dar bons resultados por causa de sua atividade contra *Phytophthora*.

Concluindo, ressaltamos que o uso de fungicidas sistêmicos combinado aos novos métodos da aplicação poderá fornecer econômicas medidas de controle para as doenças das plantas tropicais. A economia destas medidas de controle dependerá dos resultados da experimentação destinada a determinar a dosagem necessária, o número de aplicações, e a permanência dos fungicidas nas plantas e no solo.

OBSERVAÇÃO:

A menção de fungicidas específicos neste artigo, não implica na aprovação ou exclusão de outros produtos que podem ser também adequados. A referência de marcas registradas ou produtos exclusivos não constitui uma garantia dos produtos pelos autores.

LITERATURA CITADA

1. BLOSS, H.E. & STREETS, R.B. 1972. Early detection and treatment of *Phymatotrichum* root in fruit trees. Prog. Agr. in Arizona, 24:8-9.
2. ERWIN, D.C. 1973. Systemic fungicides: Disease control, translocation, and mode of action. Ann. Rev. of Phytopathology, 11:389-422.



3. GREGORY, G.F.; JONES, T.W. & MCWAIN, P. 1971. Injection of Benomyl into elm, oak, and maple. USDA FOREST Research Paper NE-232, pp. 1-10.
4. HINE, R.B., WHEELER, J.E. & CLARK, E.L. 1969. New canker disease found in pecans; Prog. Agr. in Arizona, 21:17.
5. NEELY, D. 1974. Efficacy of soil injections and foliar sprays of benomyl for the control of Dutch elm disease in large nursery elms. Plant Dis. Repr. 58:261-264.

6. SANER, E. & ALLISON, P. 1956. Bioassay of the translocate fungicide, 2-pyridine-thiol-1-oxide, in cucumber seedlings. Phytopathology, 46:25 (Abstr.).
7. SCHWARZ, R.E. & VAN VUUREN, S.P. 1971. Decrease in fruit greening of sweet orange by trunk injection of tetracyclines. Plant Dis. Repr. 55:747-50.
8. SINCLAIR, J.B. 1971. Potential of systemic fungicides on some tropical crops. JNKVV Res. Jour. 5:1-8.

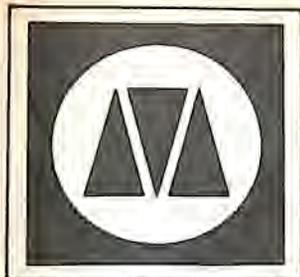
Tabela I — Lista Parcial dos Fungicidas Sistêmicos em Uso Atualmente

NOME COMERCIAL	PRODUTOR	FÓRMULA QUÍMICA
Benlate	E. I. du Pont	Metil-1-(butilcarbamil)-2-benzimidazol carbamato
Cela W 524 (Triforine)	Celamerck	N,N'-1,4-piperazinadil-bis-(2,2,2-tricloroetilideno) bis-formamida
Demosan (Chloroneb)	E. I. du Pont	1,4-dicloro-2,5-dimetoxibenzeno
Dowco 269 (Nurelle)	Dow	2-cloro-6-metoxi-4-(triclorometil) piridina
Plantvax	UniRoyal	2,3-dihidro-5-carboxanilido-6-metil-1,4-oxatiin-4,4 dióxido
Tecto 40	Merck & Co.	2-(4-tiazolil) benzimidazol
Terrazole (Truban)	Olin	5-etoxi-3-triclorometil-1,2,4-tiadiazol
Topsin	Nippon Soda Co.	1,2-bis-(3-etoxi-carbamil-2-tioureido)-benzeno
Triarimol (EI-273)*	Elanco	a-(2,4-diclorofenil)-a-fenil-5-pirimidina-metanol
Vitavax	UniRoyal	5,5-dihidro-2-metil-1,4-oxatiin-3-carboxanilida.

* Nome provisório.

Tabela II — Algumas das Mais Importantes Doenças das Culturas Perenes no Brasil.

DOENÇAS	ORGANISMO CAUSAL
Podridões da Raiz	
Gomose dos Citrus	<i>Phytophthora spp.</i>
Podridão das raízes do abacateiro	<i>Phytophthora cinnamomi</i>
Murchas Vasculares	
Murcha de Fusarium do Maracujá	<i>Fusarium oxysporum f. passiflorae</i>
Seca ou murcha da mangueira	<i>Ceratocystis fimbriata</i>
Mal do Panamá	<i>Fusarium oxysporum f. cubense</i>
DOENÇAS DO TRONCO, RAMOS, FOLHAGENS E FRUTOS	
Ferrugem do café	<i>Hemileia vastatrix</i>
Mal das Folhas (Queima das Folhas de Seringueira)	<i>Microcyclus ulei (Dothidea ulei)</i>
Mancha Americana das folhas do Café	<i>Mycera citricolor</i>
Antracnose do caqueiro	<i>Colletotrichum gloeosporioides</i>
Antracnose da mangueira	<i>Colletotrichum gloeosporioides</i>
Podridão parda	<i>Phytophthora palmivora</i>
Ferrugem da goiabeira	<i>Puccinia psidii</i>



MOSAICO COOPERATIVISTA

Fecotriço diversifica atividades para aumentar rentabilidade do agricultor

A Federação Brasileira das Cooperativas de Trigo e Soja (Fecotriço), cujos associados produzem mais da metade da soja e do trigo colhidos no país, decidiu diversificar suas atividades para a corretagem de câmbio e de seguros, navegação, armazenamento e industrialização da soja e do calcário, com o objetivo de aumentar a rentabilidade do agricultor.

"É assim que a Fecotriço atende aos apelos governamentais de aumento da produção" — explica o presidente da entidade, Sr. Ari Dal Molin. Estamos constantemente buscando soluções que diminuam os custos e aumentem a rentabilidade dos produtores rurais, entre as quais estão o desenvolvimento técnico e a pesquisa agrícola. Isso não quer dizer que venhamos a abandonar nossa política de incessantes gestões junto ao Governo para melhorar as condições de financiamento e preços para o trigo e a soja.

As duas grandes federações de cooperativas do Sul, a Fecotriço e a Federação das Cooperativas de Carne do Rio Grande do Sul (Fecocarne), têm sido citadas pelo Ministro da Agricultura como exemplos no setor de armazenagem e frigorificação. Até o fim do ano, a Fecotriço terá atingido uma capacidade armazenadora de 3 milhões 361 mil toneladas, 24% superior à capacidade registrada em dezembro de 1973, que era de 2 milhões 700 mil toneladas. Nos últimos seis anos, a capacidade armazenadora das cooperativas filiadas cresceu 500%. As cooperativas de carne, por sua vez, remodelaram e ampliaram totalmente suas câmaras frias, nos últimos dois anos.

Quanto ao crédito, o Sr. Ari Dal Molin diz que não há distorções. "O que existe, no caso da soja, é que o limite do crédito ainda é baixo. O financiamento para a soja é concedido em função do preço mínimo fixado pelo Governo. Neste ano, esse preço está em Cr\$ 60,00 por saco, e o financiamento de custeio é tomado em 60% sobre um máximo de 25 sacos por hectare, o que equivale a Cr\$ 900,00/ha, crédito insuficiente para a formação de uma lavoura com todos os recursos técnicos. O fato é que há financiamento, mas ele é insuficiente."

O IDEAL COOPERATIVO

O Cooperativismo é, antes de mais nada, uma atitude do homem em face da economia. O seu lema — um por todos e todos por um — revela o caráter de solidariedade que constitui o seu fundamento filosófico. O que caracteriza o espírito cooperativo é a idéia da união. A união exclui o individualismo, cuja filosofia se estriba na luta isolada em que prepondera a competição desumana, cruel e aniquiladora. A união preserva a dignidade humana, porque considera as criaturas como irmãos e estimula a assistência mútua.

O mérito capital do cooperativismo está em que a solidariedade entre os homens, nas associações que criam, surge por manifestação expressa: os cooperadores gozam de plena liberdade e se unem pelo desejo de ajuda recíproca e sentimento de mutualidade. O movimento cooperativo congrega todos: produtores e consumidores, nacionais e estrangeiros, ricos e pobres. É alheio à política, às confissões religiosas e aos preconceitos étnicos.

Prof. Alfredo Buzaid
Ex-Ministro da Justiça

Cooperativa do Treze (SE) financia até casamento

A Cooperativa Mista dos Agricultores do Treze, com sede em Lagarto, a 84 quilômetros de Aracajú (SE), financia até casamento de seus associados, como despesas de cartório e igreja, compra de casa, móveis e utensílios domésticos. O ressarcimento é feito através da produção. A informação é do presidente da Cooperativa, Erasmo Carlos de Almeida.

Dirigentes são a principal queixa entre associados de cooperativas

Depois de um levantamento que durou quase um ano, o Departamento de Assistência ao Cooperativismo (DAC), do Rio Grande do Sul, iniciou em setembro último uma série de cursos intensivos no meio rural, partindo da constatação de que o associado faz uma idéia errada do sistema cooperativo.

Entre as queixas, aparecem a de que o

gerente contratado acaba tendo mais poderes que a diretoria eleita, e às vezes, abusa dessa autoridade, alegadamente em proveito próprio. Alguns associados criticam as diretorias de quererem perpetuar-se na administração da cooperativa, como dela fossem proprietários. A contratação de um gerente, como ocorre nas cooperativas menores, decorre do fato de que nas entidades de pequeno porte os administradores são agricultores carentes de capacidade gerencial. Muitos associados pedem uma maior comunicação entre a diretoria e o quadro social. "Precisamos saber o que eles estão fazendo. A maior parte das vezes, somos impedidos de entrar no escritório do presidente." — queixam-se eles.

Alguns mais esclarecidos dizem que o sistema cooperativista brasileiro peca pela cúpula: lembram que no Conselho Nacional de Cooperativismo, apenas três dos oito membros que o compõe são ligados às cooperativas, os demais são "burocratas de gabinete." Na região do Alto Uruguai, alguns líderes cooperativistas queixaram-se da ação "pouca diplomática" de funcionários do Incra.

O DAC está realizando no Estado um trabalho pioneiro. Durante um dia inteiro, 180 associados de cooperativa de produção recebem um curso intensivo sobre cooperativismo. A primeira hora é dedicada aos administradores da cooperativa, e nas demais horas do curso seis grupos de 30 associados realizam um debate, levantando as falhas e sugerindo as correções a serem feitas. Um questionário serve para que seja feito um diagnóstico que será levado pelos técnicos posteriormente à cooperativa. Os associados são estimulados a exercerem os seus poderes através das Assembleias, e não pelos costumeiros "falatórios" que prejudicam a unidade da Cooperativa.

Grande parte das cooperativas maiores mantém jornais internos ou unidades móveis que promovem a participação do associado nas decisões da diretoria. A CO-TRIJUI, que certa vez fretou um trem para mostrar a seus associados do interior como o dinheiro da cooperativa fora aplicado no terminal marítimo do porto de Rio Grande, levou há pouco cooperativistas para conhecer o cinturão agrícola do Meio Oeste dos Estados Unidos, em avião especialmente fretado para este fim.



A falta de qualidades suficientes de leite e de outras proteínas animais, que afeta diversos países (no Brasil, só o Estado de São Paulo tem um déficit de 700 a 900 mil litros de leite, no abastecimento diário) pode ser solucionada através da soja, um dos cereais mais ricos em proteínas (45%), e cujo aproveitamento na Campanha Nacional da Merenda Escolar foi proposto pelo diretor do Instituto de Tecnologia de Alimentos, Campinas, ao Conselho de Desenvolvimento Econômico.

O único leite de soja em pó fabricado no Brasil é o Solefn, considerado um dos mais adiantados projetos de leite de soja em todo o mundo. Trata-se de uma mistura de soja (sem sabor de soja) e leite de vaca-desnatado, enriquecida por nutrientes como açúcares, sais minerais — fósforo, ferro, potássio, cálcio e sódio — e vitamina A. Segundo um grupo de pesquisa organizado para determinar seu valor biológico, ele constitui "um ótimo suplemento proteico, de leve digestão, de grande eficiência na restauração de forças de pessoas idosas, enfim, um revigorador de energias para as crianças de idade escolar e para os adultos mal alimentados, devido aos excessos de trabalho físico ou mental".

Pode, portanto, ser de grande utilidade nos esforços para a superação de uma grave lacuna existente no abastecimento de nossas grandes cidades, gerando, ao mesmo tempo, uma oferta de alimento altamente nutritivo e consistente.

A SOJA

Introduzida no Brasil em 1909, por emigrantes japoneses que inicia-

SOJA

uma solução para a crise do leite

ram seu cultivo em São Paulo, a soja foi posteriormente levada para o Rio Grande do Sul. Ali, durante 30 anos, aclimatou-se satisfatoriamente, dando, inclusive, origem a novas variedades.

Saindo de sua fase embrionária, pouco a pouco a cultura foi tomando feições comerciais naquele estado sulino, acabando por ocupar as melhores posições entre as principais culturas. Em anos mais recentes, acompanhando a expansão da cultura de trigo, com a qual era semeada em duplo cultivo (após a colheita do trigo) afim de aproveitar o efeito residual da adubação daquela cultura, a soja alcançou os Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo e, mais recentemente, o triângulo mineiro, o sul de Goiás e do Mato Grosso.

Em 1967, de uma produção nacional de 716 mil toneladas, o Estado do Rio Grande do Sul participa-

va com 551 mil toneladas (77%), o Paraná com 113 mil toneladas (15,8%), totalizando aquelas duas unidades da federação 92,8% do total. E, em 1973, verificou-se uma produção de 5.135 mil toneladas; o Rio Grande do Sul com 2.850 mil toneladas e o Paraná com 142 mil toneladas, mantiveram a liderança por larga margem, embora a participação no total, conjuntamente, tivesse caído para 84% do montante nacional.

No Brasil, em 1973, foram exportadas 1.786 mil toneladas de soja em grão, 1.581 mil toneladas de torta e farelo e 30,5 mil toneladas de óleo refinado de soja. O valor das exportações de soja e seus derivados somou US\$ 926 milhões (superado apenas pelo café) contra US\$ 295 milhões, em 1972, registrando-se então um acréscimo de 214%.

Quanto às quantidades exportadas, estas aumentaram de 2.502 mil toneladas em 1972 para 3.398 mil toneladas em 1973, evidenciando um incremento de 33%. Portanto, no Brasil, a elevação dos preços da soja foi responsável por 178% dos 214% de variação do valor das exportações daquele produto entre 1972 e 1973.

E essa importância das exportações da soja se deve aos programas de alimentação, desenvolvidos em vários países, visando amenizar a pressão sobre os produtos de origem animal (carne, ovos e leite). Principalmente os Estados Unidos aumentaram, nos últimos anos, o consumo de proteínas vegetais derivadas da soja, devido à facilidade do cultivo da mecanização e da produção, e à aceitação pelo povo do hábito de consumir esses derivados.

Subsídios da SNA encaminhados ao Presidente do STF

O Dr. Octávio Mello Alvarenga, presidente do GT instituído pela diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura para oferecer subsídios à comissão de alto nível encarregada de estudar a reformulação do Poder Judiciário, acaba de encaminhar ao Ministro Eloy José da Rocha as primeiras sugestões, com base em esquema de estudos elaborado pelo Dr. J. Motta Maia, membro do GT.

O Dr. Octávio Mello Alvarenga encaminhou, ainda, a tese da qual foi relator na V Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil sobre tribunais nacionais e remédios efetivos para atos vinculados à economia agrária.

Justiça Agrária

Para o Dr. J. Motta Maia "a instituição da justiça agrária atende a imperativos de ordem técnica e tem motivações sociais".

A motivação social — explica — "é a necessidade de se estabelecer medidas de harmonia nas relações entre os que se dedicam à atividade agrícola, afastando ou prevenindo tensões, e assegurando nos casos de dissídio o clima de confiança para o exercício da atividade de agricultor, seja qual for sua categoria ou condição". Quanto ao aspecto técnico, ressalta que, "sendo o direito agrário um sistema de disposições legais de caráter especial, em correspondência com as peculiaridades setoriais, a matéria que ele regula e as questões dela derivadas devem ter um processo especial".

No expediente que dirigiu ao Presidente do Supremo Tribunal Federal em nome da SNA, o Dr. Octávio Mello Alvarenga esclarece que a idéia de uma judicatura agrária especializada foi endossada pelos representantes da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). Quanto à tese de que foi relator, a V Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil recomendou ao Governo federal que fossem instalados, no mais breve prazo, tribunais agrários especializados, aos quais sejam submetidas as questões que versem sobre conflitos de ordem fundiária, trabalhista e de produção.

Não arrisque sua colheita. Use fertilizantes Gama, um produto Cocito.

Cocito Irmãos Técnica e Comercial S.A.
Matriz - S. Paulo - R. Capistrano de Abreu, 205 (Barra Funda)
Rio de Janeiro: Rua Mairink Veiga, 31-A
Porto Alegre: Rua Voluntários da Pátria, 664
Distribuidores em todo o território nacional.



MINAS GERAIS

Subsídios e Sugestões ao Plano Nacional do Leite

A correção das distorções existentes em cada fase, dentro de uma abordagem global e sistemática, é a única forma de reabilitar de maneira gradativa a pecuária leiteira brasileira, dando-lhe a oportunidade de prestar em sua plenitude colaboração ao Desenvolvimento. Esta é a conclusão de um trabalho, intitulado "Subsídios à Política Nacional do Leite", entregue ao ministro Alysson Paulinelli por dirigentes da Confederação Brasileira de Cooperativas de Laticínios, Federações da Agricultura de Minas Gerais e de São Paulo, Associações da Campanha Educativa do Leite de Minas, São Paulo e da Guanabara e Associação dos Criadores.

O trabalho, de 50 laudas, é um estudo em profundidade sobre o leite, desde a fonte produtora até o consumidor, apresentando os obstáculos e oferecendo sugestões para o Plano Nacional da Carne e do Leite. Foi elaborado pelo economista e pecuarista Newton de Paiva Ferreira Filho, com a colaboração dos economistas Lacy Maffia, Flávio Villena de Sales Dias, José Fagunde Filho e Carlos Alberto Dylly de Medeiros.

Conclusões

O estudo conclui que "a racionalização das atividades rurais tem sido obstada pela baixa remuneração aos fatores de produção: trabalho e capital; além disso, a natureza atua diretamente sobre a produção como impecilho à atividade". Os 20 anos de atraso no desenvolvimento da pecuária leiteira nacional, continua, deixaram no homem suas marcas profundas; as condições precárias de saúde, a ignorância e o baixo nível de instrução, a descapitalização contínua da atividade agropecuária conduziram o homem ao desestímulo, à falta de conhecimentos básicos para uma exploração racional, à situação atual, que é tão grave.

O trabalho destaca a necessidade de se estabelecer uma Política Nacional do Leite, valorizando o homem, com uma nítida tendência de caminhar para a Realidade Econômica e a respeito à economia de mercado.

Produção

O estudo entregue ao ministro, contém uma série de subsídios e sugestões, capazes de recuperar a pecuária leiteira nacional. Entre estes, que sejam claramente definidos os objetivos do Governo para o setor do leite; que seja estabelecida uma Política Nacional, visando à solução global dos problemas; que seja estabelecida uma estratégia nacional apresentando a maneira de se enfrentarem os problemas.

Outros objetivos: preço condizente ao produtor; assistência técnica permanente; dinamização das linhas de leite; diminuição dos custos de transporte; crédito orientado para a produtividade.



Notícias & Informações do Brasil

Reflexos

O estudo observa que com estas providências teremos o maior ciclo da produção leiteira, capaz de, a médio prazo, ter amplos reflexos na economia brasileira. Este é o ciclo: 1 — aumento do preço do leite — em função da portaria governamental somadas as reduções de custo e racionalização do processo; 2 — esperanças renascidas na área da produção; 3 — treinamento do produtor e melhoria de sua atuação; 4 — reajustes reais e periódicos; 5 — interesse do produtor pela atividade; 6 — aumento da produção; 7 — redução de custos de produção; 8 — surgimento da produtividade e da lucratividade; 9 — disponibilidade de recursos financeiros; 10 — menor dependência de fontes de crédito — 11 — reinvestimento, reaparelhamento e funcionalidade; 12 — melhores condições de vida para o produtor, sua família e seus empregados; 13 — diminuição do êxodo rural; 14 — estabilização do homem; 15 — seu ingresso na forma de consumo industrial, pela restituição de sua capacidade de compra.

-ooOoo-

Investimentos Árabes sem Limites em Todos Setores

Num primeiro contato com os empresários mineiros, na sede da Federação da Agricultura, o sr. Augusto Pitzalis, representante do Sheik al Sabat para a América do Sul, anunciou investimentos árabes na agropecuária mineira, no início de uma ampla cooperação árabe-brasileira. Frisou que foi encontrada uma forma ideal em regime de "joint ventures" (associações comerciais), segundo a qual uma parte (árabe) entra com o capital e a outra parte (brasileira) com o solo e a técnica, num trabalho de responsabilidade dividida e com a seguinte vantagem: a produção terá seu consumo contratualmente assegurado.

Projetos

O primeiro projeto agropecuário a ser implantado em Minas, com investimentos árabes refere-se à criação de ovinos e bovinos na região de Corinto, representando cerca de 70 milhões de cruzeiros. Ainda em Minas, no setor agrícola, os estudos estão dirigidos para um programa especial de produção de soja, arroz e milho.

Augusto Pitzalis, informou que o Ministro da Agricultura está estudando um projeto para implantação de uma fazenda no deserto e os estudos já estão em fase final, sendo a primeira experiência em horticultura no deserto.

Sem Limites

Segundo Augusto Pitzalis, além dos projetos que estão sendo conduzidos a nível de governo e junto aos empresários brasileiros, os países árabes por ele representados estão dispostos a examinar qualquer outro tipo de intercâmbio comercial. Afirmou que a colaboração que agora se inicia, não terá limites e nem abrangerá quaisquer áreas, devendo ser todos os projetos examinados, segundo a colocação de interesses.

-oo0oo-

Com o plantio de 104.000 mudas de pêssego, nectarina, ameixa do Japão, figo, pera e noqueira-pecã, a Cia. Mineira de Florestamento — Comflor encerrou a implantação de seu Projeto de Fruticultura Integrada de Clima Temperado, em área de 417 hectares, no município de Cristiano Otoni, representando investimentos de Cr\$ 4 milhões.

O projeto, implantado na Unidade Agrícola Comflor III, vem somar-se a outros empreendimentos da empresa, em Funilândia e Entre Rios de Minas. A produção dessas três unidades agrícolas vai alcançar a cifra de 20,5 toneladas de frutos até 1978.

O projeto

O projeto é considerado um dos maiores de fruticultura de clima temperado em Minas. Cerca de 150 operários e 5 técnicos trabalharão nas diversas etapas de implantação: obras de infra-estrutura, preparação do terreno, correção da acidez do solo, adubação e plantio. As mudas, selecionadas, são procedentes das regiões de Campinas e Limeira, em São Paulo, e do Rio Grande do Sul.

A área de plantio da Unidade Agrícola Comflor III está assim dividida: 98 hectares, para 18 mil mudas de pêssego e nectarina; 70 hectares, para 14 mil mudas de ameixa do Japão; 59 hectares, para 50 mil mudas de figo; 69 hectares, para 14 mil mudas de pera; e 120 hectares para 8 mil mudas de noqueira-pecã.

Produção

Através de suas unidades agrícolas de Funilândia, Entre Rios de Minas e Cristiano Otoni, a Comflor alcançará uma produção anual de 11,400 toneladas de frutos em 1978. Já em 1975, a produção será de 500.000 frutos de abacaxi e 750 toneladas de outros frutos; em 1976, serão produzidos 500.000 abacaxis e 2.300 toneladas de outros frutos; em 1977, 300.000 abacaxis e 6.000 toneladas de outros frutos.

Até 1978, a Comflor produzirá 10.500 toneladas de abacate; 1.200 toneladas de ameixa; 2.750 toneladas de figo; 500 toneladas de manga; 2.400 toneladas de maracujá; 100 toneladas de pecã; 1.400 toneladas de pera; 1.600 toneladas de pêssego, totalizando 20.450 toneladas de frutos. Parte dessa produção será destinada à comercialização "in natura", nos mercados interno e externo, e outra parte à industrialização, pela própria Comflor, que constituirá sua primeira unidade industrial no Distrito Industrial de Sete Lagoas.

PND. 2 — PERSPECTIVAS DA ECONOMIA BRASILEIRA: 1979

Magnitudes Globais	Previsão para 1974	Indicador para 1979	Aumento no período %
Produto Interno Bruto (PIB) Cr\$ bilhões de 1975 (*)	785	1.264	61
PIB (US\$ bilhões) (**)	78	125	
População (milhões)	104,2	119,7	15
PIB per capita (Cr\$ mil de 1975)	7,5	10,5	40
PIB per capita (US\$) (**)	748	1.044	
Investimento Bruto Fixo (Cr\$ bilhões de 1975)	196	316	61
Consumo Pessoal (Cr\$ bilhões de 1975)	546	847	55
Produto Industrial (Cr\$ bilhões de 1975)	212	374	76
Produto da Indústria de Transformação (Cr\$ bilhões de 1975)	154	274	78
Produto Agrícola (Cr\$ bilhões de 1975)	93	130	40
População Economicamente Ativa (milhões)	32,9	38,0	16
Emprego Industrial (milhões)	6,1	8,1	33
Emprego na Indústria de Transformação (milhões)	3,3	4,2	27
Exportações de Mercadorias (US\$ milhões)	8	20	150

(*) — Valores correspondentes aos dados revistos das Contas Nacionais para o período 1970-1973 (FGV).

(**) — Taxa de conversão: Cr\$/US\$ = 6.776, estimada pelo IPEA, para 1973.

ABIL

UM SIMBOLO DE TRADIÇÃO

AGRICULTURA e JARDINAGEM | **AVICULTURA e PECUÁRIA** | **DROGARIA VETERINÁRIA**
(p/pequenos e grandes animais). A mais completa da cidade.

Distribuidora exclusiva dos Nutrientes
"PURINA"

ABIL AGRO COMERCIAL Ltda.

MATRIZ: R. Buenos Aires, 87 — Tels. 252-7527, 232-2408
Cx. Postal 21.209

FILIAL: R. Prof. Castilho, 151, Tel. 394-1068 — Campo Grande

ATÉ 12 DE FEVEREIRO: PRAZO PARA REQUERER LEGITIMAÇÃO

Vai até 12 de fevereiro de 1975 a vigência da Lei 6.177, que estabeleceu incentivos à legitimação de terras devolutas em todo o Estado e garantiu benefícios a todos os posseiros que até esta data apresentarem requerimentos de legitimação. Este parecer da assessoria jurídica da Ruralminas foi comunicado pelo diretor do Patrimônio de Terras, Geraldo Resende, à Federação da Agricultura, que levantou a questão da vigência da Lei durante um encontro rural realizado recentemente no Vale do Jequitinhonha.

EM FEVEREIRO

Independentemente dos estudos do governo estadual quanto a possibilidade de prorrogação do prazo da Lei 6.177, a Ruralminas analisou o aspecto relativo à sua vigência, levando em conta que o dispositivo foi editado em 14 de novembro do ano passado e teve a sua regulamentação, através do decreto de 12 de fevereiro do corrente ano.

Assim, o prazo de um ano de vigência da Lei 6.177 deverá ser contado a partir de 12 de fevereiro, data da regulamentação, e não a partir de 14 de novembro, data da publicação da Lei. O parecer já foi levado aos distritos de terras de Caratinga, Aimorés, Valadares, Mantena, Teófilo Otoni, Nanuque, Almenara e São Gotardo.

Os produtores que requererem a legitimação até 12 de fevereiro pagarão apenas 17 cruzeiros e 50 centavos por hectare de terra ocupada de boa fé, por mais de 5 anos.

SÃO PAULO 100.000º TRATOR BRASILEIRO

A Massey-Ferguson acaba de entregar ao mercado o seu 100.000º trator fabricado no Brasil. Foi necessário um grande esforço industrial para que se atingisse essa meta, resultado de um trabalho que se iniciou em 1962, com a fabricação do primeiro trator Massey-Ferguson brasileiro.

A indústria brasileira de tratores de quatro rodas produziu até 30 de setembro último 162.570 unidades, o que indica que de cada cinco tratores fabricados no Brasil três são Massey-Ferguson.

A empresa comemorou o evento com um almoço, que teve como convidado de honra o Dr. Rubens de Araújo Dias, digníssimo Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, presentes ainda o Sr. J.E. Mitchell, Vice Presidente da Massey-Ferguson Ltd. para as Américas, revendedores, fornecedores e banqueiros.

Falando, durante o almoço o Diretor Presidente da Massey-Ferguson do Brasil, Sr. J.A. Engelbrecht, traçou a futura expansão da companhia, cuja capacidade de produção será ampliada de modo a manter a posição de liderança que a empresa detém no mercado nacional de máquinas, implementos, tratores agrícolas.

Na mesma ocasião foi eleita a primeira Diretoria do Conselho Nacional de Revendedores Massey-Ferguson.

ESPIRITO SANTO

Uma declaração conjunta da Companhia Vale do Rio Doce e da Japan Brasil Paper and Pulp Resources Development Co. Ltd. formalizou a criação da Empreendimentos Florestais S.A. (Flonibra), que deverá produzir, inicialmente, três milhões de toneladas de madeira e 800 mil toneladas de celulose por ano.

Com um capital inicial de Cr\$ 60 milhões — representando um investimento de 800 mil dólares — a Flonibra tem um faturamento previsto de 310 milhões de dólares e gerará 15 mil empregos diretos, atuando no Estado do Espírito Santo e em outras regiões onde se apresentem as condições econômicas requeridas para este tipo de projeto.

A Companhia Vale do Rio Doce participa com 55 por cento do capital da nova empresa, pertencendo o restante ao grupo japonês. Em relação a sua origem, cerca de 40% do investimento total será de capital próprio, sendo o restante originário do Japão e de recursos internos.

GUANABARA ASSOCIAÇÃO GUANABARINA DE APICULTURA LANÇA CAMPANHA POR MAIS SÓCIOS

Fundada em setembro de 1972 e contando atualmente com 60 sócios, a Associação Guanabarina de Apicultura (AGA) está promovendo campanha para ampliar o seu quadro social; espera elevar para 100, neste final de ano, o número de seus associados.

Pretende, igualmente, incentivar a apicultura na região do novo Estado do Rio de Janeiro, não só em termos de produção de mel e cera, como também no que se refere ao trabalho de polinização das culturas locais, realizado pelas abelhas.

Para alcançar esse objetivo, a AGA inscreveu como pontos básicos do seu programa de trabalho para os próximos anos, a organização de uma cooperativa apícola mista para fornecimento de implementos aos apicultores e venda da produção; a manutenção de cursos de divulgação (elementar e básico), de capacitação (nível médio) e de formação de técnicos apícolas (reciclagem ou especializado); a realização de encontros e simpósios de apicultores, feiras do mel, etc., e a publicação de uma revista especializada.

No momento a Associação está funcionando em dependência da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", pertencente à Sociedade Nacional de Agricultura, na Avenida Brasil, n.º 9727 (GB).

PARANÁ

Apesar da prolongada estiagem, de aproximadamente 60 dias, que assolou as plantações de trigo formadas no Paraná, ao Norte do paralelo 24 e das geadas ex-temporâneas que causaram algum prejuízo a lavoura do Oeste e Sudoeste do Estado, ainda assim, face ao acréscimo de novas áreas do seu plantio, "terá o Paraná a maior de suas safras tritícolas, com produção estimada em torno de 600.000 toneladas, consolidando-o como o segundo produtor de trigo do País".

-oo0oo-

A Companhia Agropecuária da Fomento Econômico — CAFE do Paraná — assinou contrato de financiamento no valor de 10 milhões de cruzeiros com o Banco do Brasil, através da Carteira de Crédito Agrícola em Curitiba, para a aquisição de sementes de algodão, soja, milho e arroz, que estão sendo vendidos aos agricultores nos 16 postos da empresa localizados no Interior do Estado.

Os recursos obtidos junto ao Banco do Brasil vão permitir a aquisição de 240 mil sacas de semente de algodão, 34 mil sacas de soja, 7 mil de milho e 6 mil de arroz. Simultaneamente a empresa está adquirindo junto a seus fornecedores, com recursos próprios, mais de 60 mil sacas de semente de algodão, 26 mil de soja, 13 mil de milho e 4 mil de arroz.

SANTA CATARINA JOVENS CAMPEÕES 4-S

O sócio 4-S, jovem Davi Sordi, da comunidade de Barra do Tigre em Concórdia, sagrou-se campeão do 11.º Concurso de Produtividade de Milho ao produzir 9.609 quilos num hectare, com um lucro de Cr\$ 2.900,00.

Paralelamente a esse Concurso, foram realizados certames semelhantes nas lavouras de soja, feijão e batata, bem como o 10º Concurso Estadual de Alimentação que, juntos, envolveram 1.106 jovens quatroessistas.

No 2.º Concurso de Produtividade de Soja o vencedor foi o jovem Florindo Margotti, de Monte Castelo, com 3.610 quilos por hectare e um lucro de 1.900 cruzeiros. O 2.º e 3.º lugar foram conquistados pelos sócios Harri Hugo Ebeling (Concórdia — com 3.420 hg/ha) e Arli Pedroso (Piratuba — com 3.300 kg/ha), respectivamente.

Já o 1.º Concurso de Produtividade de Batata teve como campeão o jovem Valdir Kuelkamp, de 20 anos, residente no município de Rio do Campo, ao produzir 27.980 quilos num hectare. Seu lucro foi de Cr\$ 10.424,00.

No 1.º Concurso de Produtividade de Feijão, o 1.º lugar coube ao jovem de Irineópolis, Helcio Flenick, com 2.250 kg/ha.

Um fato curioso se deu com a sóc. Idalina Lazarotto, 23 anos, da comunidade de Mambuca, município de Ipirá. Com sua horta de 60 metros quadrados, sagrou-se bi-campeão ao vencer os dois últimos Concursos de Alimentação. Há 7 anos, no Clube 4S "25 de Julho", Idalina garante que "esse ano vai conseguir o tricampeonato"!

No 10.º Concurso de Alimentação ela utilizou 185 diferentes receitas (tudo com as devidas anotações), para preparar 360 pratos com hortaliças, contribuindo para melhorar o balanceamento alimentar de sua família.

A 2.ª e 3.ª classificada nesse Concurso foram, respectivamente, as Jovens Judite Stehl (Concórdia) e Maria Saete Coan (Orleães).

Existem atualmente em Santa Catarina 250 Clubes 4-S (Saber - Sentir - Servir - Saúde), congregando 7.500 jovens na faixa compreendida entre 14 e 25 anos de idade.

RIO GRANDE SUL

A produção de trigo vem caindo nos últimos anos devido não só a fracas colheitas como também à competição que a soja e o algodão exercem em busca de terras aráveis. A colheita de 1973 estava prevista para 2 milhões de toneladas, mas rendeu somente 680 mil toneladas; em 1972 foi somente de 500 mil toneladas, quando a prevista era de 2 milhões e meio; espera-se que neste ano ela seja de 3.200 mil toneladas, cooperando o Paraná com mais de 1 milhão de acordo com os técnicos. A safra da URSS é de 108 milhões e a dos EE.UU. 45 milhões de ton. Com um consumo autorizado beirando os 4 milhões de toneladas, serão necessárias importações estimadas em 500 milhões de dólares".

AMAZONAS

O Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (Polamazônia) compreenderá 15 projetos, que são os seguintes:

- 1 - Rondônia - mineração de cassiterita com vistas à produção de estanho;
- 2 - Acre - desenvolvimento da produção de borracha, através do Programa Nacional da Borracha (Probor);
- 3 - Juruá-Solimões - a racionalização da exploração madeireira é o principal projeto previsto para a área;
- 4 - Roraima - projetos agropecuários;
- 5 - Trombetas - trata-se da exploração da bauxita existente na região, inicialmente para exportação e depois para a produção da alumina e posteriormente de alumínio;
- 6 - Tapajós-Xingu - projeto de colonização em Altamira e em Santarém e de borracha perto de Santarém;
- 7 - Carajás - exploração de minério de ferro pela Cia. Vale do Rio Doce e a Alcan, dos Estados Unidos;

8 - Amapá - é o projeto da Icomi, do Grupo Antunes, de exploração de manganês, e de madeira (projeto Brumusa, também do Grupo Antunes);

9 - São Luiz - construção de uma usina siderúrgica (em Itaqui) para exportação de semi-acabados;

10 - Pré-Amazônia - Maranhense - projeto de colonização;

11 - Araguaia-Tocantins - projetos de colonização e de agropecuária, com o apoio a estudos sobre o aproveitamento hídrico da área. No rio Tocantins, serão construídas duas usinas hidrelétricas, uma em Tucuruí e a outra em São Félix;

12 - Xingú-Araguaia - projetos agropecuários;

13 - Juruena - projetos agropecuários;

14 - Aripuanã - colonização e pesquisas minerais; inclui, ainda, programas especiais na área energética, florestal e de aproveitamento de terras;

15 - Marajó - agropecuária.

BRASIL

AÇÚCAR

Ao encerrar-se o terceiro trimestre deste ano, as vendas efetivas de açúcar para o exterior, englobando os do tipo demerara e os dos diversos tipos de açúcares brancos, atingiram 1.412.459,370 toneladas métricas, das quais 394.753,100 foram destinadas ao mercado norte-americano e as restantes 1.017.706,270 para o mercado livre mundial.

Essa tonelagem gerou, no mesmo período, uma receita cambial de US\$ 624.248.265,95, aos preços médios, por tonelada de US\$ 419,62 e US\$ 463,11, respectivamente para os mercados americanos e livre mundial.

Quanto ao valor, esses resultados indicam um acréscimo de US\$ 234.967.000,00 em relação a igual período do ano anterior, já ultrapassando o total da receita gerada pelo produto em todo o ano de 1973.

O País vem desenvolvendo programas voltados para a construção de novos terminais que fornecerão a adequada infraestrutura para o escoamento de sua produção.

O primeiro passo foi a construção do terminal de Recife, já em funcionamento, e o início das obras de construção do terminal de Maceió. Já para o quarto semestre de 1974 espera-se o início da exportação da safra nordestina, através do terminal de Recife e pelo Porto de Maceió.

O Instituto do Açúcar e do Alcool, a quem está diretamente subordinada toda a política açucareira do País, estuda ainda

a construção de um terminal no Estado de São Paulo.

Através do Porto de Vitória, no Espírito Santo, o IAA espera, por todo o mês de outubro, os primeiros embarques de açúcar cristal provenientes da região canavieira de Campos, no Estado do Rio.

MAMONA

As indústrias brasileiras que processam e exportam o óleo de mamona precisam estar preparadas para um aumento, nos próximos anos, de pelo menos 50% em sua produção. Não só porque a demanda internacional cresce a cada mês, como também porque tempos um grande cliente potencial, capaz de consumir 120 mil t anuais do único óleo lubrificante que suporta o rigor do seu inverno: a União Soviética. Sem este óleo, de viscosidade excepcional, como rodarão sob 40 e até 70 graus negativos os 2,4 milhões de automóveis que os russos terão brevemente?

É importante saber que podemos atender a essas necessidades crescentes do mercado mundial. No período de janeiro a abril deste ano, as exportações brasileiras de óleo de mamona já atingiram 69.400 t, no valor (FOB) de 66,6 milhões de dólares - preço médio de 956,80 dólares por tonelada.

Até o fim do ano é provável que as exportações cheguem a 200 milhões de dólares e isso significa que o Brasil já fornece cerca de 70% das necessidades mundiais.

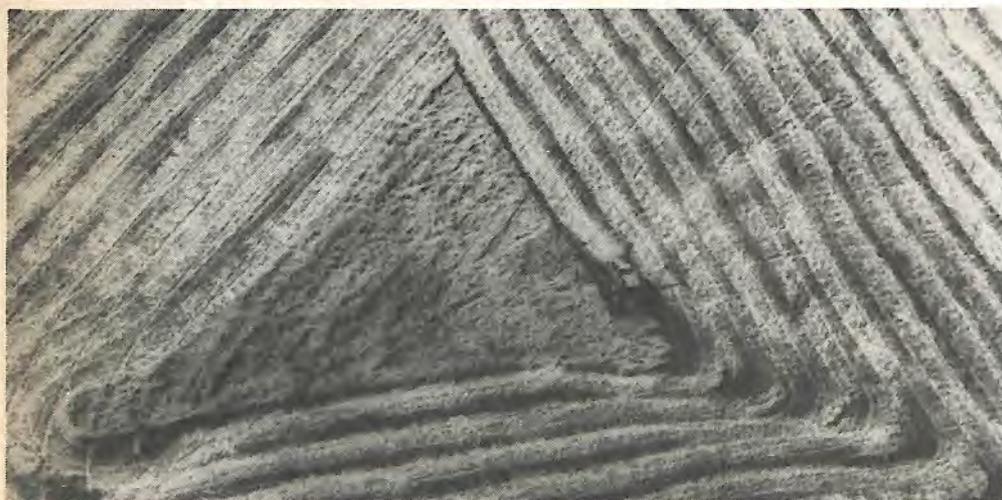
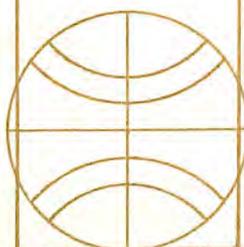
- EXPORTAÇÃO - Óleo de Mamona

Anos	Volume (ton.)	Valor (US\$ 1.000-FOB)
1964	111.014	24.435
1965	140.152	26.753
1966	95.042	22.332
1967	74.626	23.235
1968	116.335	36.373
1969	182.768	44.793
1970	153.485	38.232
1971	132.658	39.333
1972	127.182	53.818
1973	131.254	122.376

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

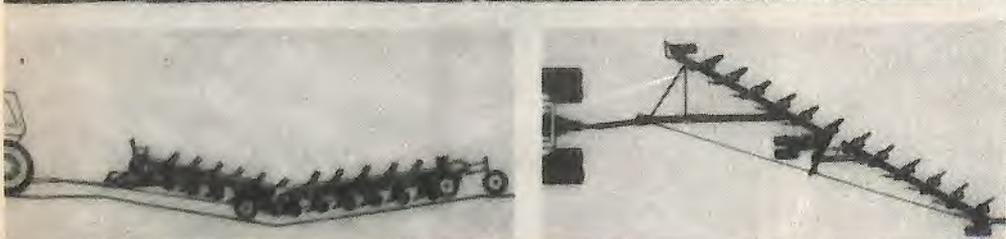
Em 1940, dois terços dos brasileiros viviam nas áreas rurais. Em 1970 mais da metade da nossa população residia nas vilas, cidades e metrópoles. Estimativas conservadoras indicam que, no fim do presente decênio dois terços dos 120 milhões de brasileiros habitarão áreas urbanas. A população rural já deixou de crescer devido à migração anual de 1.300 mil pessoas do campo para as cidades. Em consequência, todo o nosso crescimento demográfico - cerca de 3 milhões de pessoas por ano - ocorre nas cidades. O Brasil é por conseguinte o país do mundo ocidental cuja população urbana aumenta mais rapidamente, concentrando-se principalmente nas cidades médias e grandes.

Notícias & Informações Internacionais



SAFRA GEOMÉTRICA

Essa fotografia aérea obteve um expressivo efeito geométrico proporcionado pela colheita mecanizada do trigo em uma fazenda do estado norte-americano de Kansas, no chamado "cinturão-verde" dos EUA. Não obstante a prolongada seca de verão, que causou prejuízos à safra de milho, a colheita de trigo deverá registrar um novo recorde.



ARADO FLEXÍVEL

Apresentado como o maior arado do mundo de produção em série, o engenho da foto é flexível, permitindo cavar sulcos uniformes em terrenos irregulares. O novo arado, capaz de cavar 12 sulcos de 30 centímetros, de uma só vez, foi desenvolvido pela International Harvester Company, dos EUA.

CUBA

A produção de açúcar em Cuba, durante o corrente ano, é estimada em 6 milhões de toneladas. Desse total a URSS terá 2,5 milhões de toneladas, sobrando para o mercado mundial, não comunista, uns 3 milhões de toneladas.

ESTADOS UNIDOS

As exportações dos países latino-americanos para os Estados Unidos aumentaram 35%, em 1973, enquanto que, no mesmo ano, as exportações norte-americanas para a América Latina cresceram 40% — diz um relatório da Organização dos Estados Americanos (OEA), preparado para a reunião da Comissão Executiva Permanente do Conselho Interamericano Econômico e Social (CEPCIES), realizado em Washington recentemente.

Segundo o relatório econômico da OEA, a América Latina é, em importância, o terceiro mercado para as exportações norte-americanas, depois do Canadá e do Mercado Comum Europeu.

A reunião da CEPCIES foi convocada para estudar os fatos mais recentes nas relações econômicas entre os Estados Unidos e a América Latina, bem como a situação econômica norte-americana. O relatório citou vários problemas como: a inflação, restrições artificiais no intercâmbio comercial no hemisfério e a crise do

petróleo, mas destacou que os Estados Unidos e a América Latina compartilham uma ampla diversidade de interesses nas atuais negociações do GATT, encaminhadas à liberalização do comércio mundial.

O comércio dos EE.UU. com a URSS tem evoluído como se vê abaixo em milhões de dólares:

Anos	Importações	Exportações
1968	58,5	57,5
1969	51,5	105,5
1970	72,3	118,7
1971	57,2	162,0
1972	95,5	542,2
1973	214,0	1.190,0
1974(1)	410,0	1.000,00

(1) Previsão. Dados do Depart.º Com. dos EE.UU.

INGLATERRA

SURGE NA GRÃ-BRETANHA UM SUPERPATO PARA A PANELA

Espera-se que se venham a criar mais economicamente patos destinados à panela, agora que uma firma britânica lançou uma ave híbrida que, assegura, tem um peso médio que constitui recorde mundial para sua idade.

O pato híbrido é resultado de 15 anos de experiências genéticas, veterinárias, administrativas e alimentares feitas pela companhia Cherry Valley Farms, de Rothwell, no leste da Inglaterra.

Oitenta patos e oitenta patas criados a partir da nova linha de machos alcançaram um peso médio de 4 quilos em 56 dias, tido como recorde mundial. Um pato, à mesma idade, chegou a 5 quilos. Os pesos são cerca de 30% superiores ao normal. A nova raça permitirá que patos de 2 quilos e 700 gramas possam ser comercializados antes do tempo habitual, economizando alimentação.

A linha de machos está sendo oferecida como parte de um acordo para a exportação de aves de criação.

A nova raça também tem mostrado índices notáveis de postura e incubação, com uma média de 155 ovos por fêmea em 32 semanas e 77,6% de êxito na incubação.

A Cherry Valley gasta 60 mil libras esterlinas anuais em pesquisas e aperfeiçoamento. Seus patos são vendidos em 23 países.

ALEMANHA

O investimento alemão no Brasil, por setor, em US\$ mil está na seguinte situação:

Agricultura e prod. alimentares ...	23.321.500
Mineração e metalurgia	92.587.600
Máquinas e eletricidade	395.935.600
Química e farmacêutica	141.588.800
Textil	3.933.400
Bancos e seguros	12.165.000
Comércio e serviços	18.786.100

JAPÃO

Para atender a solicitação da Federação Nacional de compras da Associação de Cooperativas do Japão (Zencoren), que se comprometeu a adquirir anualmente 4 milhões de toneladas de cereais brasileiros, tornou-se necessário estabelecer, a curto prazo, um programa de emergência que compreende: dragagem para o aprofundamento até — 14 metros dos portos de Santos e Rio Grande e de — 12 metros do porto de Paranaguá.

Foram necessárias ainda obras civis de adaptação para aumentar a capacidade de estocagem, de movimentação e descarga de vagões e aumento da capacidade operacional das ferrovias, através da aquisição de vagões apropriados ao transporte de grãos.

Estas medidas objetivam, essencialmente, capacitar o sistema portuário dos "corredores de transportes" a receber navios de 40.000 toneladas, no mínimo. Somente para os serviços de dragagem foram aplicados 72 milhões de cruzeiros para a retirada de 14 milhões de metros cúbicos de material.



O Estado da Bahia foi imortalizado por esta cultura — coqueiros.

Ganhe muito, plantando na sua propriedade o coqueiro **anão-VERDE VERDADEIRO.**

Grande produtividade e muito sabor. Mudanças e informações com o **Dr. A. de Souza Pires, na Rua Aurélio de Figueiredo, 114 Campo Grande-Guanabara 20.000 — Fone: 394-0896.**

